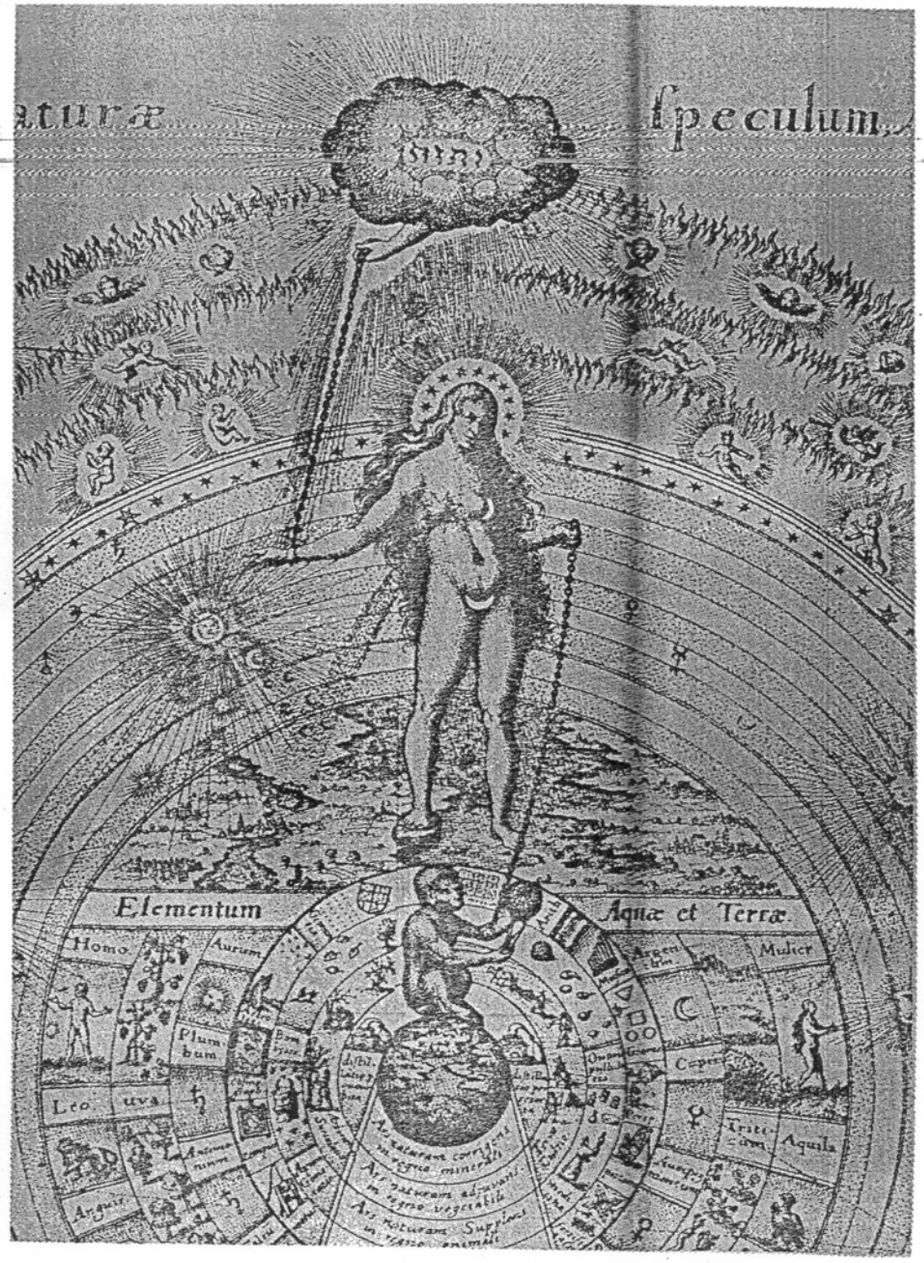


Frontispício
A ALMA DO MUNDO, por Robert Fludd. A *anima* como personificação do eixo ego–Si-mesmo transmite ao ego a orientação e o apoio que vêm da psique arquetípica. (Detalhe)

EDWARD F. EDINGER

Teólogo

EGO E ARQUÉTIPO

INDIVIDUAÇÃO E FUNÇÃO RELIGIOSA DA PSIQUE

Tradução
ADAIL UBIRAJARA SOBRAL

EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO
1972

Parte I

A INDIVIDUAÇÃO E OS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO

E se é verdade que nosso conhecimento foi adquirido antes de nosso nascimento, e que o perdemos no momento em que viemos ao mundo, mas que, posteriormente, mediante o exercício de nossos sentidos sobre objetos sensíveis, recuperamos o conhecimento de que antes dispúnhamos, suponho que aquilo a que damos o nome de aprendizagem se caracterizará como a recuperação de nosso próprio conhecimento...

– PLATÃO*

* *Phaedo*, traduzido por Hugh Tredennick, Collected Dialogues, Princeton, Nova Jérsei, Princeton University Press, Bollingen Series LXII, 1961.

CAPÍTULO UM

O EGO INFLADO

O sol não ultrapassará suas medidas; se o fizer, as Erínias, servidoras da Justiça, o descobrirão.
– HERÁCLITO[1]

1. EGO E SI-MESMO*

A descoberta de caráter mais fundamental e de maior alcance, de Jung, é a do inconsciente coletivo ou psique arquetípica. Graças às pesquisas que ele realizou, sabemos atualmente que a psique individual não é apenas um produto da experiência pessoal. Ela envolve ainda uma dimensão pré-pessoal ou transpessoal, que se manifesta em padrões e imagens universais, tais como os que se podem encontrar em todas as mitologias e religiões do mundo.[2] Jung descobriu também que a psique arquetípica conta com um princípio estruturador ou organizador que unifica os vários conteúdos arquetípicos.

1. Burnet, John, *Early Greek Philosophy*, Nova York, Meridian Books, p. 135.

* Seguimos, na tradução de *Self* por *Si-mesmo*, o original alemão, *Selbst*. [N.T.]

2. Jung, C. G., *Archetypes and the Collective Unconscious, C. W.*, Vol. 9/I, parágrafos 1-147.

Esse princípio é o arquétipo central ou arquétipo da unidade, ao qual Jung denominou Si-mesmo.

O Si-mesmo é o centro ordenador e unificador da psique total (consciente e inconsciente), assim como o ego é o centro da personalidade consciente. Ou, dito de outra maneira, o ego é a sede da identidade *subjetiva*, ao passo que o Si-mesmo é a sede da identidade *objetiva*. O Si-mesmo constitui, por conseguinte, a autoridade psíquica suprema, mantendo o ego submetido ao seu domínio. O Si-mesmo é descrito de forma mais simples como a divindade empírica interna, e equivale à *imago Dei*. Jung demonstrou ainda que o Si-mesmo apresenta uma fenomenologia característica: ele é expresso por meio de determinadas imagens simbólicas típicas denominadas mandalas. Todas as imagens que enfatizam um círculo com um centro e que normalmente apresentam um elemento adicional referente a um quadrado, uma cruz ou outra representação de quaternidade se enquadra nesta categoria.

Há ainda um certo número de outros temas e imagens associados que fazem referência ao Si-mesmo. Temas como a unidade, a totalidade, a união dos opostos, o ponto gerador central, o centro do mundo, o eixo do universo, o ponto criativo onde Deus e o homem se encontram, o ponto em que as energias transpessoais fluem para a vida pessoal, a eternidade – por oposição ao fluxo temporal, a incorruptibilidade, a união paradoxal entre o orgânico e o inorgânico, as estruturas protetoras capazes de gerar a ordem a partir do caos, a transformação da energia, o elixir da vida – isso tudo se refere ao Si-mesmo, fonte central da energia da vida, origem do nosso ser, descrito de forma mais simples, como Deus. Na realidade, as mais ricas fontes do estudo fenomenológico do Si-mesmo são as inúmeras representações que o homem faz da divindade.[3]

Como há dois centros autônomos do ser psíquico, o vínculo existente entre eles assume importância capital. A relação entre o ego e o Si-mesmo é altamente problemática e corresponde, de maneira bastante aproximada, à relação entre o homem e seu Criador, tal como é descrita na mítica religiosa. O mito pode ser visto, na verdade, como expressão simbólica da relação entre o ego e o Si-mesmo. Muitas vicissitudes do processo de desenvolvimento psicológico podem ser entendidas em termos de modificação da relação existente entre o ego e o Si-mesmo nos vários estágios do desenvolvimento psíquico. Esta evolução progressiva da relação entre ego e Si-mesmo constitui o objeto que me proponho examinar.

Jung descreveu a fenomenologia do Si-mesmo, originalmente, tal como ela se manifesta no curso do processo de individuação na idade adulta. Mais recentemente, começamos a considerar também o papel do Si-mesmo nos primeiros anos de vida. Neumann, com base em materiais de natureza mitológica e etnográfica, descreveu simbolicamente o estado psíquico original, anterior ao nascimento da consciência do ego, como a *uroboros*, utilizando a imagem circular da serpente que morde a própria cauda para representar o Si-mesmo primordial, o estado-mandala original de totalidade, do qual emerge o ego individual.[4] Fordham, a partir de observações clínicas de bebês e crianças, postulou o Si-mesmo como a totalidade original, que antecede a formação do ego.[5]

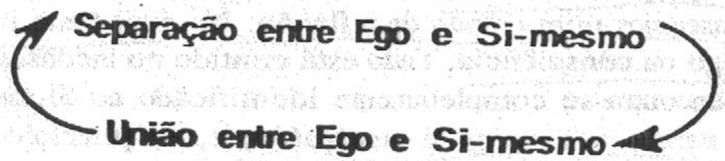
De modo geral, os psicólogos analíticos admitem que a função da etapa que antecede a idade adulta envolve o desenvolvimento do ego, com a separação progressiva entre o ego e o Si-mesmo, ao passo que a idade adulta requer uma rendição – ou pelo menos uma relativização – do ego em sua experiência do Si-mesmo e na relação que mantém com este último. A atual fórmula operacional é, portanto: fase anterior à idade adulta → separação entre o ego e o Si-mesmo; idade adulta → reunião entre o ego e o Si-mesmo. Esta fórmula, apesar de talvez ser verdadeira como generalização ampla, não leva

3. Para uma discussão mais ampla do Si-mesmo tal como se manifesta no simbolismo da mandala, ver o ensaio "Concerning Mandala Symbolism" in *The Archetypes and the Collective Unconscious*, C. W., Vol. 9/I, par. 627 ss.

4. Neumann, Erich, *The Origins and History of Consciousness*, Série Bollingen XLII, Princeton University Press, 1954.

5. Fordham, Michael, *New Developments in Analytical Psychology*, Londres, Routledge & Kegan Paul, 1957.

em consideração muitas observações empíricas feitas na área da psicologia infantil e da psicoterapia de adultos. De acordo com essas observações, uma fórmula circular seria mais correta, podendo ser expressa pelo seguinte diagrama:



O processo de alternância entre a união ego–Si-mesmo e a separação ego–Si-mesmo parece ocorrer de forma contínua ao longo da vida do indivíduo, tanto na infância quanto na maturidade. Na verdade, esta fórmula cíclica (ou melhor, em forma de espiral) parece exprimir o processo básico de desenvolvimento psicológico do nascimento à morte.

Segundo esta perspectiva, a relação entre o ego e o Si-mesmo, em diferentes estágios de desenvolvimento, poderia ser representada por meio dos seguintes diagramas:

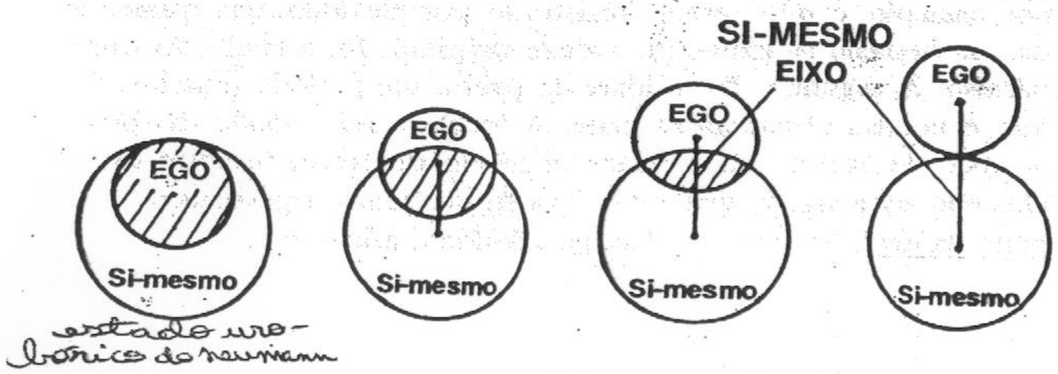


Fig. 1 *Fig. 2* *Fig. 3* *Fig. 4*

Estes diagramas representam os estágios progressivos da separação ego–Si-mesmo, que se manifestam no decorrer do processo de desenvolvimento psicológico. As áreas sombreadas do ego designam

a identidade residual ego–Si-mesmo. A linha que serve à conexão entre o centro do ego e o centro do Si-mesmo representa o eixo ego–Si-mesmo – o vínculo vital que faz a ligação entre o ego e o Si-mesmo e que assegura a integridade do ego. Deve-se compreender que estes diagramas servem ao objetivo de ilustrar um aspecto particular do assunto em pauta e, por conseguinte, são imprecisos com referência a outros aspectos desse mesmo assunto. Por exemplo, de modo geral definimos o Si-mesmo como a totalidade da psique, o que incluiria, necessariamente, o ego. Nos termos dos referidos diagramas e do método seguido nesta apresentação, poder-se-ia ter a impressão de que o ego e o Si-mesmo se tornaram duas entidades distintas, sendo o ego a porção menor, e o Si-mesmo a porção maior, da totalidade. Esta dificuldade é inerente ao assunto tratado. Para falar de forma racional, devemos inevitavelmente estabelecer uma distinção entre ego e Si-mesmo que contradiz nossa própria definição do Si-mesmo. Na realidade, a concepção do Si-mesmo é um paradoxo. O Si-mesmo constitui, simultaneamente, o centro e a circunferência do círculo da totalidade. A consideração do ego e do Si-mesmo como duas entidades distintas constitui um mero recurso racional que a discussão torna necessário.

A *Figura 1* corresponde ao estado urobórico original postulado por Neumann. Nada existe além do Si-mesmo–mandala. O germe do ego só se faz presente como potencialidade. O ego e o Si-mesmo são um só; isso significa que o ego não existe. Temos aqui o estado total da identidade básica entre o ego e o Si-mesmo.

A *Figura 2* mostra um ego emergente, que começa a separar-se do Si-mesmo, mas que ainda tem seu centro e área maior numa identidade básica com o Si-mesmo.

A *Figura 3* apresenta um estágio mais avançado de desenvolvimento; todavia, permanece ainda uma identidade ego–Si-mesmo residual. O eixo ego–Si-mesmo, que nos dois primeiros diagramas era completamente inconsciente – e, portanto, indistinguível da identidade entre o ego e o Si-mesmo – tornou-se agora parcialmente consciente.

A *Figura 4* é um limite teórico ideal, que provavelmente não existe numa situação real. Ela representa um estado de total separação entre ego e Si-mesmo, assim como uma completa consciência do eixo ego–Si-mesmo.

Os diagramas servem ao propósito de ilustrar a tese segundo a qual o desenvolvimento psicológico se caracteriza pela existência de dois processos simultâneos: de um lado, a progressiva separação entre o ego e o Si-mesmo; de outro, o aparecimento cada vez mais claro, na consciência, do eixo ego–Si-mesmo.

Se esta for uma correta representação dos fatos, a separação entre o ego e o Si-mesmo e a crescente conscientização de que o ego é dependente constituem, na realidade, dois aspectos de um mesmo processo de emergência, que se estende por todo o período que vai do nascimento à morte. Ademais, nossos diagramas também demonstram a validade de se atribuir à idade adulta a consciência do caráter relativo do ego. Se considerarmos a *Figura 3* como representação correspondente à meia-idade, veremos ser este o estágio em que a porção superior do eixo ego–Si-mesmo começa a emergir na consciência.

O processo mediante o qual esses estágios de desenvolvimento se desenrolam constitui um ciclo alternado, representado no diagrama da *Figura 5*, p. 71 . Conforme vai se repetindo, no decorrer do desenvolvimento psíquico, esse processo dá origem a uma progressiva diferenciação entre o ego e o Si-mesmo. Nas fases iniciais, que representam, de forma aproximada, o estágio que precede a maturidade, o ciclo se configura como uma experiência de alternância entre dois estágios do ser: a inflação e a alienação. Posteriormente, quando o eixo ego–Si-mesmo alcança a consciência, surge um terceiro estágio (*Figura 3*), caracterizado por uma relação dialética entre ego e Si-mesmo. Este estado é a individuação. Neste capítulo, consideraremos o primeiro estágio, a inflação.

2. INFLAÇÃO E TOTALIDADE ORIGINAL

A definição apresentada no dicionário para inflação é: "Cheio de ar, dilatado pela ação do ar, irrealisticamente amplo e importante, além dos limites das próprias medidas; portanto, vaidoso, pomposo, orgulhoso, presunçoso."[6] Uso o termo "inflação" para descrever a atitude e o estado que acompanham a identificação do ego ao Si-mesmo. Trata-se de um estágio no qual algo pequeno (o ego) atribui a si qualidades de algo mais amplo (o Si-mesmo) e, portanto, está além das próprias medidas.

Nascemos num estado de inflação. Na mais tenra infância, não existe ego ou consciência. Tudo está contido no inconsciente. O ego latente encontra-se completamente identificado ao Si-mesmo. O Si-mesmo nasce, mas o ego é construído; e, no princípio, tudo é Si-mesmo. Este estado é descrito por Neumann como a uroboros (a serpente que morde a própria cauda). Como o Si-mesmo é o centro e a totalidade do ser, o ego – totalmente identificado ao Si-mesmo – percebe-se como divindade. Podemos descrever a situação nesses termos, retrospectivamente, embora o recém-nascido não pense dessa forma. Na verdade, ele nem pode pensar. Mas seu ser e suas experiências totais estão ordenados em torno de uma suposição *a priori* de que ele é uma divindade. Esse é o estado original de unidade e perfeição inconscientes, responsável pela nostalgia que todos sentimos com relação às nossas próprias origens, tanto pessoal quanto historicamente.

Muitos mitos descrevem o estado original do homem como um estado de harmonia, unidade, perfeição ou de vida paradisíaca. Há, por exemplo, o mito grego, registrado por Hesíodo, das quatro idades do homem. A primeira, a idade original, foi a idade do ouro, o paraíso. A segunda, foi a idade da prata, um período matriarcal em que o homem obedecia às mães. A terceira foi a idade do bronze, período de guerras. E a quarta, a idade do ferro, período em que Hesíodo escrevia, e que estava profundamente degenerado. A respeito da idade do ouro, a idade paradisíaca, afirma ele:

6. *Webster's New International Dictionary*, segunda edição.

> (A raça dourada de homens) viveu num estado divino, sem a mais remota angústia e livre da labuta e do sofrimento ... Dispunha de todas as coisas boas, pois a terra fértil oferecia, espontaneamente, frutos em abundância, ilimitadamente. Vivia em conforto e em paz em suas terras, com muitas coisas boas, rica em rebanhos e amada pelos deuses bem-aventurados.[7]

Na idade paradisíaca, as pessoas estão em comunhão com os deuses. Isso representa o estado do ego que ainda não nasceu, que ainda não se separou do útero do inconsciente e que, por conseguinte, ainda partilha da plenitude e da totalidade divinas.

Outro exemplo é o mito platônico do homem original. De acordo com esse mito, o homem original era redondo, tinha a forma de uma mandala. No *Simpósio*, Platão afirma:

> O homem primevo era redondo, com suas costas e lados formando um círculo ... Eram terríveis o seu poder e sua força; os pensamentos de seu coração eram grandiosos; e eles atacaram os deuses ... e teriam dominado os deuses ... os deuses não podiam permitir que a sua insolência ficasse sem freios.[8]

Aqui, a atitude de inflação, de arrogância, é particularmente evidenciada. Ser redondo, no período inicial da existência, equivale a considerar-se a si mesmo como total e completo e, portanto, como um deus, capaz de todas as coisas. Há um interessante paralelo entre o mito do homem redondo original e os estudos realizados por Rhoda Kellog a respeito da arte na pré-escola.[9] Ela observou que a mandala ou círculo parece ser a imagem predominante em crianças que

7. Hesíodo, "Works and Days," *The Homeric Hymns and Homerica*, traduzido por Hugh G. Evelyn-White, Biblioteca Clássica Loeb, Cambridge, Harvard University Press, 1959, p. 11.

8. Platão, *Symposium*, Diálogos de Platão, Jowett, B., tradutor, Nova York, Random House, 1937. Seções 189 e 190.

9. Kellog, Rhoda, *Analyzing Children's Art*, Palo Alto, Califórnia, National Press Books, 1969, 1970.

estão aprendendo a desenhar. Inicialmente, uma criança de dois anos, de posse de um lápis ou grafite, apenas rabisca; mas logo parece atraída pela intersecção das linhas e começa a fazer cruzes. Em seguida, a cruz é encerrada num círculo – e temos o padrão básico da mandala. Quando a criança tenta desenhar figuras humanas, estas surgem, inicialmente, como círculos, o que contraria toda a experiência visual, com os braços e pernas representados, tão-somente, como extensões do círculo semelhantes a raios (*Ilustração 1*).

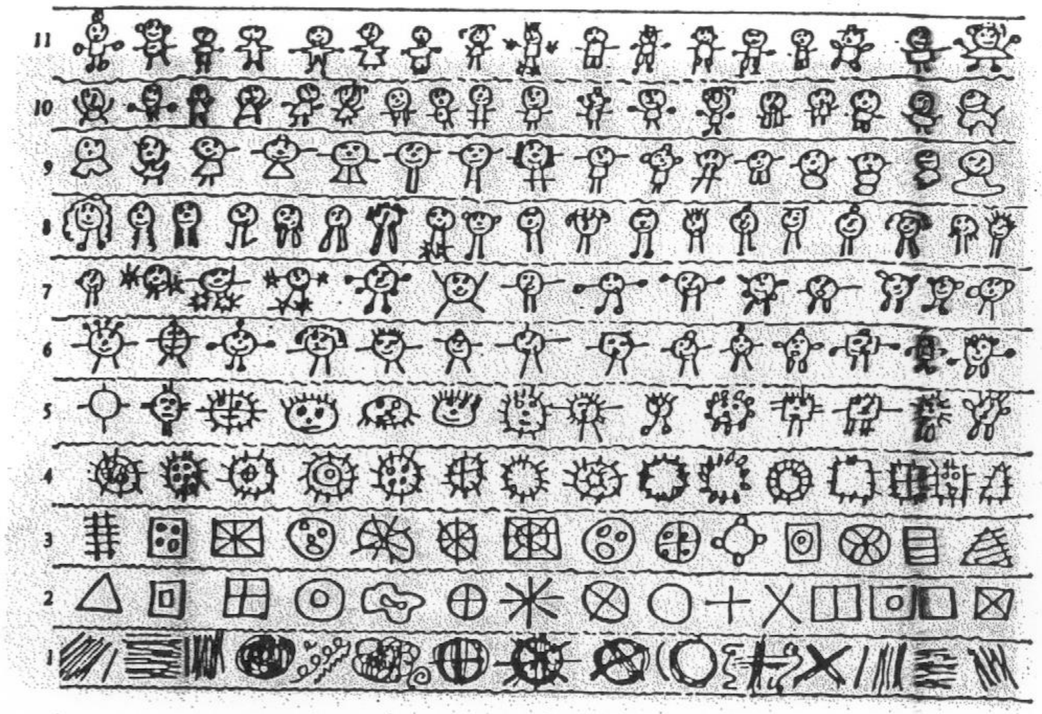


Ilustração 1. A seqüência de *Gestalts*, de baixo para cima, representa a provável evolução das figuras humanas em desenhos de crianças.

Esses estudos fornecem claros dados de natureza empírica, segundo os quais a criança experimenta o ser humano como uma estrutura redonda, semelhante à mandala; comprovam, de forma impressionante, a verdade psicológica do mito platônico acerca do homem redondo original. Os terapeutas infantis também descobriram que a mandala constitui, para as criancinhas, uma imagem operativa e indicativa de cura (*Ilustração 2*). Todos esses exemplos indicam que,

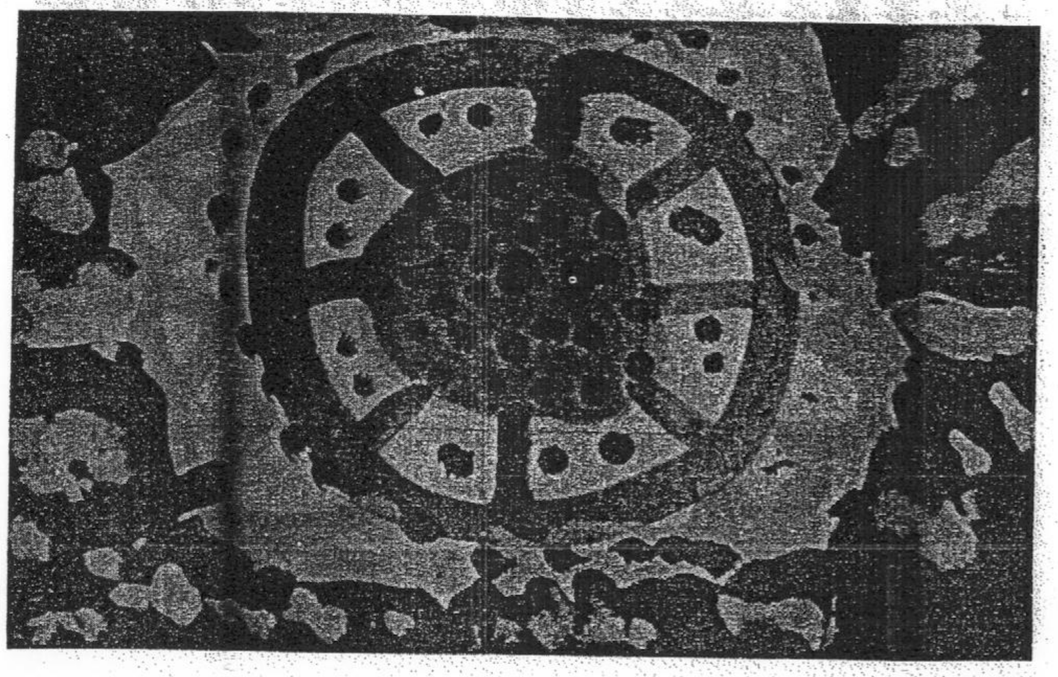


Ilustração 2. Este desenho, feito por uma menina de sete anos, durante a psicoterapia, marca o restabelecimento da estabilidade psíquica.

em termos simbólicos, a psique humana era, originalmente, redonda, total, completa: encontrava-se num estado de unicidade e de auto-suficiência que equivale à própria divindade.

A mesma idéia arquetípica que estabelece um vínculo entre infância e proximidade de um estado divino é apresentada na "Ode on Intimations of Immortality", de Wordsworth:

Our Birth is but a sleep and a forgetting:
The Soul that rises with us, our life's Star,
Hath had elsewhere its setting,
And cometh from afar:
Not in entire forgetfulness,
And not in utter nakedness,
But trailing clouds of glory do we come
From God, who is our home:
Heaven lies about us in our infancy![10]

[Não é nosso Nascer mais que sonho e esquecimento: / A Alma que conosco se eleva, Estrela de nossa vida, / Teve alhures seu lugar, / E vem de muito além: / Não de todo esquecida / Nem totalmente nua, / Mas, seguindo o rastro de nuvens de glória, Eis que viemos / De Deus, nossa morada: / Os céus estão à nossa volta na infância!]

Do ponto de vista dos anos que se seguem à infância, o estreito vínculo existente entre o ego da criança e a divindade constitui um estado de inflação. Muitas dificuldades psicológicas subseqüentes são uma decorrência dos resíduos daquela identificação com a divindade. Considere-se, nesse sentido, a psicologia da criança nos cinco primeiros anos de vida. Trata-se, de um lado, de um período de grande novidade em termos de percepção e de resposta; a criança se encontra em contato imediato com as realidades arquetípicas da vida. Ela está no estágio poético original; há magníficos e terrificantes poderes transpessoais fervilhando em torno de todo e qualquer evento comum. Mas, por outro lado, a criança pode ser uma pequena fera egoísta, cheia de crueldade e dotada de insaciável voracidade.

10. Wordsworth, W. *Poetical Works*, Londres, Oxford University Press, 1961, p. 460.

Freud descreveu o estágio da infância como um quadro de perversão polimorfa. Apesar de ser uma descrição brutal, nem por isso deixa de ser parcialmente verdadeira. A infância é inocente; mas também é irresponsável. Portanto, traz em si todas as ambigüidades do fato de encontrar-se, ao mesmo tempo, firmemente ligada à psique arquetípica e às suas energias extrapessoais, e inconscientemente identificada, assim como irrealisticamente relacionada, a esta mesma psique arquetípica.

As crianças compartilham, com o homem primitivo, a identificação do ego com a psique arquetípica e com o mundo exterior. Para a mente primitiva, não existe nenhuma distinção entre interior e exterior. Para a mente civilizada, o homem primitivo está relacionado de modo encantador à natureza, assim como está em sintonia com o processo da vida; mas é, ao mesmo tempo, um selvagem e comete os mesmos erros de inflação que as crianças cometem. O homem moderno, alienado da fonte do significado da vida, encontra na imagem do homem primitivo um objeto que exerce sobre ele uma forte atração. Isso explica o atrativo do conceito de Rousseau do "bom selvagem" e de outros trabalhos mais recentes que exprimem a nostalgia da mente civilizada com relação à sua comunhão mística com a natureza, comunhão que perderam. Este é um dos lados da questão, mas há também o lado negativo. A vida real do primitivo é suja, degradante e obcecada pelo terror. Não gostaríamos de viver esta realidade sequer por um momento. É o primitivo simbólico que nos atrai.

Quando olhamos retrospectivamente nossa origem psicológica, vemos que ela tem uma dupla conotação: em primeiro lugar, ela é vista como condição paradisíaca, unidade, um estado de unicidade com relação à natureza e aos deuses e infinitamente desejável; mas, em segundo lugar, com base nos nossos padrões humanos conscientes, que estão relacionados à realidade do tempo e do espaço, trata-se de um estado de inflação, uma condição de irresponsabilidade, de luxúria incorrigível, de arrogância e de desejo rude. O problema básico para o adulto é a forma de obter a união com a natureza e com os deuses, com que a criança começa, sem provocar a inflação da identificação.

O mesmo se aplica aos problemas da educação de crianças. De que forma podemos remover eficazmente a criança desse estado inflado e fazê-la desenvolver um conceito realista e responsável de sua relação com o mundo, ao mesmo tempo em que mantém esse vínculo vivo com a psique arquetípica, necessário para lhe tornar a personalidade forte e resistente? O problema consiste em manter a integridade do eixo ego–Si-mesmo ao mesmo tempo em que se dissolve a identificação do ego ao Si-mesmo. Aí residem todas as disputas entre indulgência e disciplina rigorosa no âmbito da educação infantil.

A indulgência enfatiza a aceitação e o encorajamento da espontaneidade da criança e alimenta seu contato com a fonte de energia vital em que ela nasce. Mas mantém e encoraja, igualmente, a inflação da criança, que assume uma atitude irrealista para com as exigências da vida exterior. A disciplina rígida, por seu turno, enfatiza limites estritos de comportamento, encoraja a dissolução da identidade ego–Si-mesmo e trata a inflação de modo bastante eficaz; mas, ao mesmo tempo, tende a danificar a conexão vital e necessária entre o ego em crescimento e as raízes que ele mantém no inconsciente. Não há escolha entre essas duas formas – elas constituem um par de opostos e devem operar em conjunto.

A criança tem de si mesma uma experiência bem concreta de ser o centro do universo. A mãe, a princípio, responde a essa exigência; conseqüentemente, os relacionamentos iniciais tendem a encorajar a criança a pensar que seus desejos constituem uma ordem para o mundo – e é absolutamente necessário que assim seja. Se a dedicação total e constante da mãe à necessidade da criança não for experimentada, esta não poderá desenvolver-se psicologicamente. Todavia, algum tempo depois, o mundo começa necessariamente a rejeitar as exigências feitas pela criança. Nesse ponto, a inflação original começa a se dissolver, mostrando-se insustentável diante da experiência. Mas também tem início a alienação; o eixo ego–Si-mesmo é danificado. É criada na criança uma espécie de ferida psicológica incurável, ao longo do processo de aprendizagem de que ela não é a deidade que acreditava ser. Ela é expulsa do paraíso, sendo geradas uma ferida e uma separação permanentes.

Continua a haver repetidas experiências de alienação, progressivamente, até a idade adulta. Há um constante encontro com um processo de duas faces. De um lado, vemo-nos expostos aos encontros com a realidade das coisas que a vida nos oferece; encontros que contradizem, de forma constante, as suposições inconscientes do

ego. É por meio desse processo que o ego cresce e se separa de sua identidade inconsciente com o Si-mesmo. Ao mesmo tempo, devemos experimentar uma reunião recorrente entre o ego e o Si-mesmo para que seja mantida a integridade da nossa personalidade total; se isso não ocorrer, há um verdadeiro perigo de que, conforme o ego vai se separando do Si-mesmo, o vínculo vital que os liga seja danificado. Se isso ocorrer de forma ampla, estaremos alienados do nosso próprio íntimo, estando o terreno preparado para o surgimento de enfermidades de caráter psicológico.

O estado de coisas originais – experimentar a si mesmo como o centro do universo – pode persistir muito depois de a infância ter passado. Lembro-me, por exemplo, de um jovem rapaz que pensava, com bastante ingenuidade: "O mundo é o meu livro de gravuras". Todas as coisas que encontrava eram entendidas como destinadas a atender aos seus propósitos – para sua diversão ou instrução. Ele considerava, de forma bastante literal, que o mundo era a sua ostra. As experiências externas não eram dotadas de nenhuma realidade ou significado inerente, exceto a relação com ele. Outro paciente tinha a convicção de que, quando morresse, o mundo se acabaria! No estado de espírito que gera uma idéia dessas, a identificação com o Si-mesmo é igualmente identificação com o mundo. O Si-mesmo e o mundo são uma só e única coisa. Essa forma de experimentar as coisas efetivamente apresenta um certo grau de verdade, uma validade genuína; mas constitui um veneno poderosíssimo nas fases iniciais do desenvolvimento, nas quais o ego está tentando emergir da unidade original. Numa etapa posterior, a percepção de que há uma continuidade entre os mundos interior e exterior pode ter um efeito de cura. Temos aqui mais um exemplo do *Mercurius* dos alquimistas, que pode ser uma panacéia para alguns e um veneno para outros.

Muitas psicoses ilustram a identificação do ego ao Si-mesmo como centro do universo, ou princípio supremo. Por exemplo, uma delusão comum entre os insanos, que consideram a si mesmos Cristo ou Napoleão, é melhor explicada como uma regressão ao estado infantil original em que há uma identificação entre o ego e o Si-mesmo. As idéias de referência também constituem sintomas de uma identidade ego–Si-mesmo extrema. Nesses casos, o indivíduo imagina que determinados eventos objetivos têm uma relação oculta com

ele. Se ele for paranóide, a delusão terá um caráter de perseguição. Lembro-me, por exemplo, de uma paciente que viu homens consertando os fios de uma linha telefônica do lado de fora da janela do seu apartamento. Ela interpretou essa ação como um indício de que estavam instalando um dispositivo de escuta telefônica para interceptar suas chamadas, com o fim de obter provas contra ela. Outro paciente pensou que o comentarista de televisão estivesse veiculando uma mensagem pessoal para ele. Essas delusões se originam de um estado de identidade entre o ego e o Si-mesmo, que pressupõe ser a pessoa o centro do universo; por conseguinte, atribuem uma significação pessoal a eventos externos que são, na realidade, completamente indiferentes à existência do indivíduo.[11]

Um exemplo comum do estado inflado da identidade ego–Si-mesmo é fornecido por aquilo que H. G. Baynes denominou "a vida de provisão". Baynes descreve esse estado da seguinte forma:

> (A vida de provisão) denota uma atitude despreocupada com a responsabilidade diante dos fatos circunstanciais da realidade, encarados como se fossem fornecidos pelos pais, pelo Estado ou, ao menos, pela Providência ... (É) um estado de irresponsabilidade e dependência infantis.[12]

M.-L. Von Franz descreve essa mesma condição como uma identificação com a imagem do *puer aeternus*. Para a pessoa que assim se vê, o que ela faz:

> ... *ainda não é* o que realmente queria e há sempre a fantasia de que, em algum momento, a verdadeira coisa vai acontecer. Se se prolongar, essa atitude significa uma recusa interna constante ao compromisso pessoal com o momento. Essa atitude costuma ser acompanhada, em maior ou menor grau, de um complexo de Salvador, ou de um complexo de Mes-

11. Para outras manifestações psicóticas da identidade ego–Si-mesmo, veja-se Perry, John Weir, *The Self in Psychotic Process*, Berkeley e Los Angeles. University of California Press, 1953.

12. Baynes, H. G., "The Provisional Life", in *Analytical Psychology and the English Mind*, Londres, Methuen and Co. Ltd., 1950, p. 61.

> sias, a que está presente o pensamento secreto de que um dia a pessoa será capaz de salvar o mundo; a última palavra em filosofia, religião, política, arte ou alguma outra coisa será encontrada. Isso pode ampliar-se a ponto de se tornar uma megalomania patológica típica, podendo igualmente haver traços menores desta na idéia de que o tempo da pessoa "ainda não chegou". O que esse tipo de pessoa mais teme é estar preso a qualquer coisa. Há um medo terrível de que se venha a ser imobilizado, de entrar completamente no tempo e no espaço e de ser o ser humano que se é.[13]

O psicoterapeuta freqüentemente vê casos desse tipo. Uma pessoa assim considera-se a si mesma o indivíduo mais promissor. É plena de talentos e de potencialidades. Uma de suas queixas costuma ser de que suas capacidades e talentos são demasiado amplos. Ela está amaldiçoada por uma pletora de dons. Pode fazer qualquer coisa, menos decidir-se por uma coisa em particular. O problema é que essa pessoa é toda promessas, mas sem realizações. Para realizar de fato alguma coisa, ela deverá sacrificar um certo número de outras potencialidades. Terá de renunciar à sua identificação com a unidade inconsciente original e aceitar, voluntariamente, ser um fragmento real e não um todo irreal. Para ser algo na realidade, deverá desistir de tudo que esteja *in potentia*. O arquétipo do *puer aeternus* é uma das imagens do Si-mesmo, mas estar identificado com ele significa jamais deixar nascer a realidade.[14]

Há numerosos exemplos menos extremos de inflação, que podemos denominar inflação da vida diária. Podemos identificar um estado de inflação sempre que vemos alguém (inclusive nós mesmos) vivendo um atributo da divindade, isto é, sempre que alguém esteja transcendendo os limites próprios do ser humano. Explosões de ira são exemplos de estados inflados. A tentativa de forçar e coagir o ambiente em que se está constitui a motivação predominante na ira.

13. Von Franz, M.-L., *The Problem of the Puer Aeternus*, Nova York, Spring Publications, Clube de Psicologia Analítica de Nova York, 1970, p. 2.

14. Um exemplo literário de *puer aeternus* pode ser encontrado no romance *The Beast in the Jungle*, de Henry James. Veja-se James, Henry, *Selected Fiction*, Everyman's Library, Nova York, E. P. Dutton & Co., 1953.

Trata-se de uma espécie de complexo de Javé. A ânsia de vingança também é identificação com a divindade. Nesses momentos, devemos recordar a afirmação "'A vingança é minha', disse o Senhor," — ou seja, não é nossa. Todo o conjunto das tragédias gregas descreve as conseqüências fatais do fato de o homem tomar em suas próprias mãos a vingança de Deus.

A motivação para o poder de todos os tipos é sintoma de inflação. Toda vez que agimos motivados pelo desejo de poder, a onipotência está implícita. Mas a onipotência é um atributo que só Deus tem. A rigidez intelectual que tenta igualar suas próprias verdades ou opiniões com a verdade universal também é inflação. É a suposição da onisciência. A luxúria e todas as operações do puro princípio do prazer constituem igualmente inflação. Todo desejo que dê à sua própria satisfação um valor central transcende os limites da realidade do ego e, em conseqüência, assume os atributos dos poderes transpessoais.

Praticamente todos nós, no íntimo, contamos com um resíduo de inflação que se manifesta como ilusão de imortalidade. Dificilmente há alguém exaustivo e totalmente não identificado com esse aspecto da inflação. Por conseguinte, quando chegamos bem perto da morte, passamos por uma experiência bastante significativa em termos de despertar. Percebemos subitamente quão precioso é o tempo, justamente por ser limitado. Não é incomum que uma experiência dessas dê à vida uma orientação completamente nova, tornando a pessoa mais produtiva e ligada aos outros de forma mais humana. Tal experiência pode dar início a um novo avanço em nosso desenvolvimento, pois, nela, uma área da identidade ego–Si-mesmo foi dissolvida, liberando uma nova quantidade de energia psíquica para o consciente.

Há também inflação negativa. Pode-se descrever a inflação negativa como uma identificação com a vítima da divindade — um sentimento excessivo e sem peias de culpa e de sofrimento. Vemos isso em casos de melancolia que exprimem o sentimento de que "ninguém no mundo é tão culpado quanto eu". Isso é simplesmente culpa demais. Na realidade, a colocação em si mesmo de um excesso de qualquer coisa é indício de inflação, pois transcende os adequados limites humanos. A humildade demasiada, assim como o excesso de

cimento. O tema do encontro com uma cobra ou de ser mordido por uma cobra é comum nos sonhos. Esse último, em geral, tem o mesmo significado de sucumbir à tentação da serpente que se apresentou para Adão e Eva, no Jardim do Éden – a perda do antigo estado de coisas e o nascimento de uma nova percepção consciente. Isso com freqüência é experimentado como algo estranho e perigoso; por conseguinte, jamais é um sonho agradável. Mas, ao mesmo tempo, tal mordida costuma dar início a uma atitude e a uma orientação inteiramente novas. É, em geral, um sonho de transição, de considerável importância. Da mesma maneira, os sonhos em que cometemos um crime podem apresentar o mesmo significado do crime original do roubo do fruto. Aquilo que constitui um crime num dado estágio do desenvolvimento psicológico assume um caráter legal noutro estágio, e não é possível alcançar um novo estágio de desenvolvimento psicológico sem ousar desafiar o código do estágio antigo. Em conseqüência, cada novo passo é experimentado como um crime e é acompanhado de culpa, pois os velhos padrões, a antiga forma de ser, ainda não foram transcendidos. Assim sendo, o primeiro passo envolve o sentimento de que somos criminosos. Os sonhos em que nos são oferecidos frutos para comer – maçãs, cerejas, tomates – podem ter o mesmo significado. São alusões ao tema de comer o fruto proibido e representam uma introdução a uma nova área de saber consciente, que apresenta mais ou menos as mesmas conseqüências do ato original de comer o fruto proibido.

Apresentamos a seguir um exemplo de sonho moderno que remete ao velho tema da tentação no Jardim do Éden. Trata-se do sonho de um homem de uns quarenta anos de idade. Ele veio ter comigo pela primeira vez queixando-se de ataques de "bloqueio dos escritores" e de ansiedade. Era um homem talentoso, cheio de idéias criativas e de inspiração. Tinha os sonhos mais interessantes, peças teatrais completas até os últimos detalhes – roupas e música, entradas e saídas de cena; mas jamais conseguia dedicar-se ao duro trabalho de escrevê-los. Dava a impressão de que os sonhos constituíam por si mesmos uma realidade adequada, como se o simples fato de ele poder compor tais coisas magníficas na fantasia constituísse uma realidade suficiente para libertá-lo de qualquer sentido de obrigação de realizá-las na prática. Uma atitude desse tipo é uma identificação com a unidade inconsciente original, a vida de provisão, que evita o

duro trabalho de tornar real o potencial. Embora achasse que queria escrever, suas fantasias eram consideradas, inconscientemente, realidade suficiente em si mesmas. Uma pessoa nessa situação tem medo de se comprometer da forma necessária para criar alguma coisa real. Ela perderia a segurança do anonimato e se exporia à desaprovação. Ela teme tornar-se algo definido e ficar sujeita a julgamento. Trata-se de uma situação equivalente à de viver no estado do "Jardim do Éden", não se atrevendo a comer o fruto da consciência.

Eis o sonho do paciente:

> Encontro-me num ambiente e numa atmosfera que me lembram Kierkegaard. Entro numa loja em busca de um determinado livro. Encontro-o e compro-o. O título é *Um Homem entre Espinhos*.
> Então a cena muda. Minha irmã fez para mim um bolo de chocolate imenso e preto. Ele tem uma tênue cobertura de açúcar cristalizado vermelho que parece uma malha vermelha de dançarino. Embora o chocolate sempre me tenha sido proibido, porque sou alérgico, como o bolo sem problemas.

Algumas das associações foram as seguintes. O homem considerou Kierkegaard como uma figura problemática, alguém em conflito entre elementos antitéticos; em conflito, particularmente, entre atitudes religiosas e estéticas. Seu livro *Either/Or* representa toda a questão dos opostos. O título do livro, *Um Homem entre Espinhos*, lembrou-lhe Cristo e sua coroa de espinhos. Com relação ao bolo de chocolate, ele disse que sempre o considerou um veneno, pois podia lhe fazer mal. A cobertura de açúcar cristalizado vermelho, semelhante a "uma malha vermelha de dançarino" sugeriu-lhe "algo que o diabo deve vestir".

Este sonho, embora expresso por meio de imagens modernas e pessoais, representa um íntimo paralelo do antigo mito da queda de Adão no paraíso. Com base nesse paralelo arquetípico, podemos levantar uma hipótese: ele representa uma transição potencial no desenvolvimento pessoal do paciente. O elemento mais marcante do sonho é o ato de comer o bolo. O bolo é preto e tem uma cobertura vermelha que se associa ao diabo. O preto, como antítese do branco, traz a implicação do demônio e da escuridão. No caso do sonhador, o bolo de chocolate foi considerado um veneno, algo que indica seu medo consciente do inconsciente. Comer o bolo venenoso equivale simbolicamente a ser mordido pela serpente ou a comer o fruto proi-

arrogância; o excesso de amor e de altruísmo, assim como uma busca excessiva de poder ou um excesso de egocentrismo – tudo isso são sintomas de inflação.

Os estados de identificação ao *animus* ou à *anima* também podem ser vistos como inflação. Os pronunciamentos arbitrários do *animus* equivalem a pronunciamentos de uma divindade, aplicando-se o mesmo aos sombrios ressentimentos do homem possuído pela *anima* que diz, na verdade, "Seja o que lhe digo que seja ou me afastarei de você; e sem minha aceitação, você morrerá".

Há todo um sistema filosófico baseado no estado de identidade ego–Si-mesmo. Esse sistema vê tudo o que há no mundo como derivado do ego individual e a ele ligado. Esse sistema chama-se solipsismo, derivado de *solus ipse*, só eu. F. H. Bradley apresenta o ponto de vista do solipsismo nas seguintes palavras:

> Não posso transcender a experiência, e experiência é a *minha* experiência. Disso se segue que nada além de mim existe; pois o que é experimentado são seus (do Si-mesmo) estados.[15]

Schiller define o solipsismo de forma mais vívida, "como a doutrina de que toda a existência se resume em experiência e de que só há um experimentador. O solipsista pensa que *ele é esse experimentador!*"[16]

3. ADÃO E PROMETEU

O que se segue ao estado de inflação original é apresentado vividamente na mitologia. Um exemplo excelente é o mito do Jardim do Éden que é chamado, significativamente, a *queda* do homem. A respeito desse mito, Jung escreve:

15. Bradley, F. H., *Appearance and Reality*, Londres, Oxford University Press, 1966, p. 218.

16. *Encyclopaedia Britannica*, 1955, xx, p. 951.

> Há na lenda da Queda uma profunda doutrina; trata-se de um obscuro pressentimento de que a emancipação da consciência do ego era uma ação de Lúcifer. Toda a história do homem consiste, desde o início, num conflito entre seu sentimento de inferioridade e sua arrogância.[17]

De acordo com o Gênesis, Deus pôs o homem no Jardim do Éden e disse: "De toda a árvore do jardim comerás livremente; mas da árvore da ciência do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás". A isso se seguiu a criação de Eva a partir da costela de Adão e a tentação de Eva pela serpente, que lhe disse: "Não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dela comerdes se abrirão os vossos olhos e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal". E assim Adão e Eva comeram o fruto. "Então foram abertos os olhos dos dois e eles conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais". Deus descobriu a desobediência deles e os amaldiçoou, dizendo em seguida essas significativas palavras: "Então disse o Senhor Deus: 'Eis que o homem tornou-se um de nós, conhecendo o bem e o mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente' – e assim o Senhor Deus o lançou fora do Jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado. Ele lançou fora o homem; e pôs o querubim ao oriente do Jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida".[18]

Este é o mito que está no início do ramo hebreu da nossa tradição cultural; é um mito rico de significados psicológicos. O mito do Jardim do Éden é comparável ao mito grego da idade de ouro e ao homem redondo original de Platão. O Jardim do Éden apresenta certos traços de uma mandala com quatro rios fluindo dela e com a árvore da vida em seu centro (*Gravura 1*). O jardim-mandala é uma imagem do Si-mesmo, e representa, nesse caso, a unicidade original entre o ego, a natureza e a divindade. É o estado inicial, in-

17. Jung, C. G., *The Archetypes and the Collective Unconscious*, C. W., Vol. 9/I, par. 420 ss.

18. Gênesis, 2-3. Revised Standard Version.

consciente e animal de formar uma só entidade com o Si-mesmo. Esse estado é paradisíaco porque a consciência ainda não apareceu e, portanto, não há conflito. O ego está contido no útero do Si-mesmo (*Ilustração 3*).

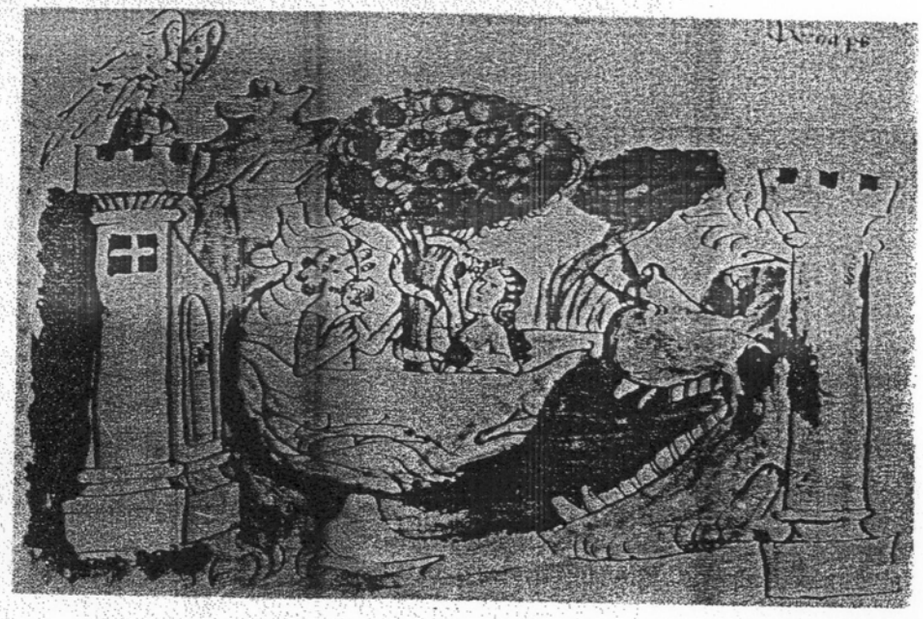
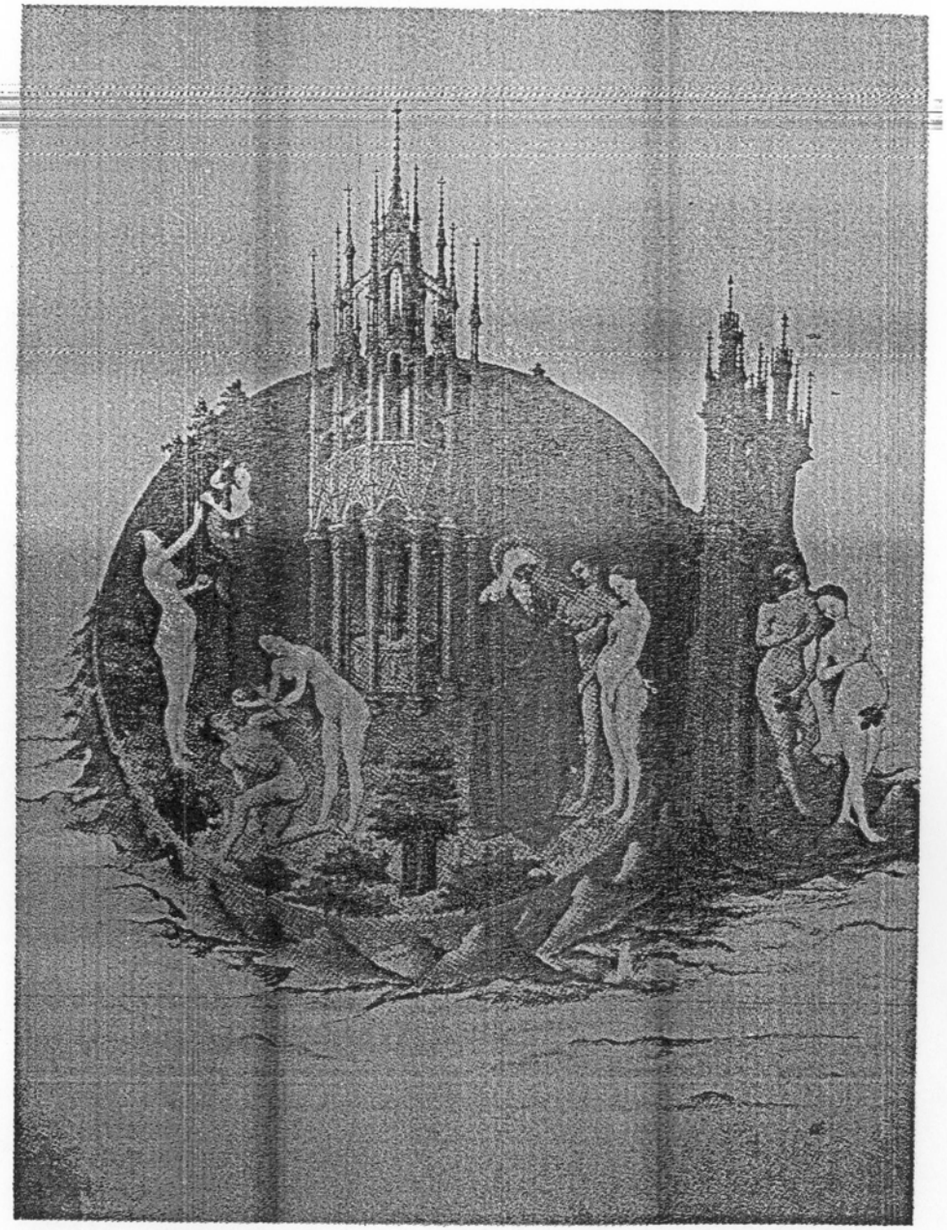


Ilustração 3. O PARAÍSO COMO UM RECEPTÁCULO. De um manuscrito italiano do século XV.

Outro elemento que indica a unidade original é a criação de Eva a partir de Adão. Está claro que Adão era originalmente hermafrodita, pois de outra forma não seria possível fazer uma mulher a partir dele. É provável haver, aqui, vestígios de um mito mais remoto em que o homem original era definidamente hermafrodita. Sem dúvida esse mito mais remoto foi modificado pela atitude patriarcal unilateral dos hebreus, que depreciaram o componente feminino da psique, reduzindo-o a uma simples costela de Adão. A separação de Adão em componentes masculino e feminino é um processo paralelo e equivalente à sua separação do jardim paradisíaco. De qualquer



Gravura 1. O JARDIM DO ÉDEN COMO UM CÍRCULO. *Apud Très Riches Heures de Jean, Duc de Berry*

bido. A conseqüência disso é a consciência dos opostos (o conhecimento do bem e do mal) e isso significa ser lançado num estado de conflito consciente. A cada novo aumento da consciência, também há conflito. Esse é o modo pelo qual cada aumento do grau de consciência anuncia sua presença – o conflito.

Embora o sonhador afirme que comeu o bolo sem problemas, as conseqüências disso estão simbolicamente apresentadas na primeira cena do sonho. Não importa que a cena em questão tenha precedido a do ato de comer o bolo. A seqüência temporal e a causalidade não se aplicam aos sonhos. Quando um sonho apresenta várias cenas, em geral é possível considerar as várias cenas como formas diferentes de descrever a mesma idéia central. Em outras palavras, a cadeia de imagens dos sonhos gira em torno de determinados centros nodais, em lugar de seguirem em linha reta como o pensamento racional. Assim sendo, estar numa atmosfera kierkegaardiana e comprar um livro intitulado "Um Homem entre Espinhos" é apenas uma variante da imagem de comer um bolo preto que é um veneno. Comer o bolo significa entrar na experiência kierkegaardiana de conflito e entender o homem entre espinhos – ou Cristo, que suportou a mais extrema tensão dos opostos ao ser tanto Deus quanto homem; ou Adão, que, ao ser expulso do jardim, foi obrigado a arar a terra que produzia espinhos e cardos.

O que significou esse sonho, em termos práticos, para o sonhador? Ele não levou a nenhuma percepção ou mudança súbitas. O sonhador não estava consciente de ter mudado após o sonho. Mas nossa discussão desse sonho, aliada à de sonhos subseqüentes, efetivamente preparou o caminho para um aumento progressivo da consciência.

Ao iniciar a psicoterapia, o paciente apresentava sintomas mas não tinha conflitos. Gradualmente, os sintomas foram desaparecendo e foram sendo substituídos por um conhecimento consciente da existência de um conflito dentro do paciente. Ele percebeu que não conseguia escrever porque parte dele não o queria fazer. Ele percebeu que essa ansiedade não era um sintoma desprovido de sentido, mas um sinal de perigo que estava tentando alertá-lo de que sua prolongada residência no Jardim do Éden podia ter conseqüências psicológicas fatais. Como sugeria o sonho, era hora de comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e de aceitar os inevitáveis

conflitos decorrentes do fato de ser um indivíduo consciente. E essa transição não apresenta apenas dor e sofrimento. Nesse ponto, o mito se mostra unilateral. O estado paradisíaco quando prolongado demais, torna-se uma prisão, e o desterro já não é experimentado como coisa indesejável, mas como liberdade.

Na mitologia grega há um paralelo do drama do Jardim do Éden. Refiro-me ao mito de Prometeu. Num esboço simplificado, esse mito se desenvolve da seguinte forma:

> Prometeu era responsável pela divisão da carne das vítimas de sacrifícios entre os deuses e os homens. Anteriormente, não tinha sido necessária a divisão, pois os deuses e os homens comiam juntos (identidade ego–Si-mesmo). Prometeu enganou a Zeus ao oferecer-lhe apenas os ossos de um animal cobertos por uma atraente camada de gordura. Prometeu reservou para o homem toda a carne comestível. Zeus, irado com esse engodo, retirou o fogo do homem. Mas Prometeu penetrou no céu, roubou o fogo dos deuses e o entregou à humanidade. Como punição por seu crime, foi acorrentado a um rochedo e era visitado, todos os dias, por uma águia que lhe comia o fígado; toda noite seu fígado se recompunha. Foi punido também seu irmão, Epimeteu. Zeus criou uma mulher, Pandora, e enviou-a a Epimeteu, com uma caixa. Da caixa de Pandora emergiram todos os males e sofrimentos que assolam a humanidade – velhice, trabalho, doença, vícios e paixões.

O processo de divisão da carne dos animais sacrificados entre os deuses e os homens representa a separação entre o ego e o Si-mesmo, a psique arquetípica. O ego, para estabelecer-se como entidade autônoma, deve apossar-se do alimento (energia) para seu próprio uso. O roubo do fogo é uma imagem análoga do mesmo processo. Prometeu é a figura luciferina cujo atrevimento inicia o desenvolvimento do ego e que paga por isso o preço do sofrimento.

Considerando-se Prometeu e Epimeteu dois aspectos de uma mesma imagem, podemos observar muitos paralelos entre os mitos de Prometeu e do Jardim do Éden. Zeus retira o fogo dos seres humanos. Javé interdita o fruto da árvore do conhecimento. Tanto o fogo quanto o fruto são símbolos da consciência, que leva a uma certa autonomia e independência do ser humano com relação a Deus. Assim como Prometeu rouba o fogo, Adão e Eva roubam o fruto, desobedecendo às ordens de Deus. Em ambos os casos, é cometido um ato voluntário contra a autoridade reinante. Esse ato voluntário é

forma, o efeito é a separação e a alienação do homem de sua unidade original.

O drama da tentação e queda tem início quando o estado original de inflação passiva se transforma em inflação ativa de uma ação específica. Todo o enfoque e toda a sedução da serpente são expressos em termos inflacionários – quando você comer este fruto, seus olhos se abrirão e *você será como Deus*. Assim, o fruto da árvore é comido e as conseqüências inevitáveis se manifestam. Tudo acontece porque Adão e Eva decidem agir em termos do seu desejo de serem como Deus.

O mito descreve o nascimento da consciência como um crime que aliena o homem de Deus e de sua unidade pré-consciente original. O fruto simboliza claramente a consciência. É o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, o que significa que traz a consciência dos opostos, a característica específica da consciência. Portanto, de acordo com esse mito e nas doutrinas teológicas que o têm por base, a consciência é o pecado original, a *hybris* original e causa básica de todo o mal da natureza humana. Todavia, há interpretações diferentes. A seita gnóstica dos Ofitas adorava a serpente. Sua visão era essencialmente semelhante à da moderna psicologia. Para eles, a serpente representava o princípio espiritual que simboliza a redenção relativamente às amarras do demiurgo que criou o Jardim do Éden, e que manteriam o homem na ignorância. A serpente era considerada boa e Javé mau. Psicologicamente, a serpente é o princípio da *gnosis*, do conhecimento ou consciência emergente. A tentação da serpente representa a necessidade de auto-realização do homem e simboliza o princípio da individuação. Algumas seitas gnósticas até mesmo identificaram a serpente do Jardim do Éden a Cristo.

O ato de comer o fruto proibido marca a transição do estado eterno de unicidade inconsciente com o Si-mesmo (o estado sem mente, animal) para uma vida real e consciente no espaço e no tempo. Em resumo, o mito simboliza o nascimento do ego. O efeito desse processo de nascimento é a alienação do ego com relação às suas origens. O ego agora passa para um mundo de sofrimento, de conflito e de incerteza. Não admira que relutemos ao dar o passo que nos leva a uma maior consciência (*Ilustração 4*).

Outro aspecto da "queda" na consciência é que Adão e Eva se tornam conscientes de sua nudez. A sexualidade e os instintos em

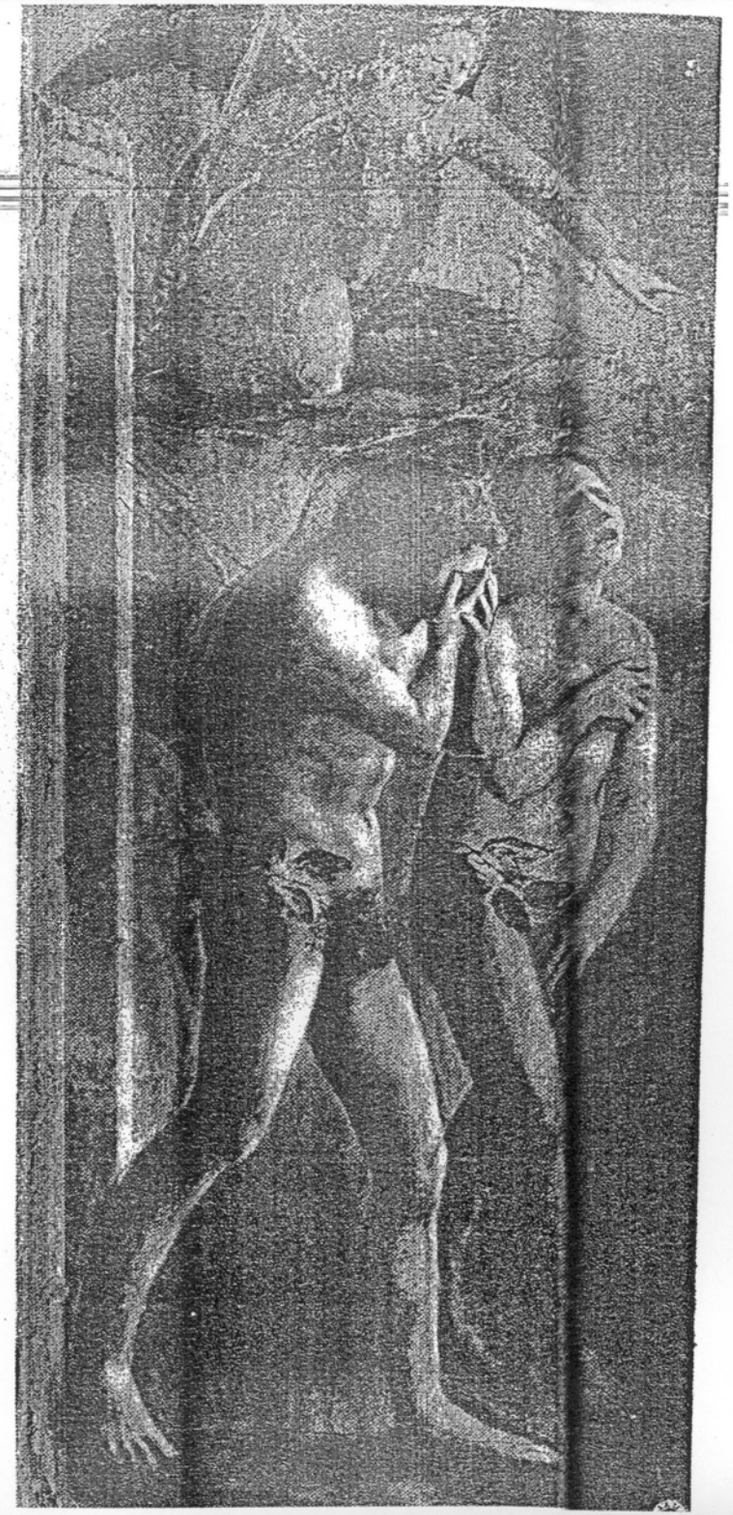


Ilustração 4.
A EXPULSÃO DE ADÃO E EVA.
Massaccio.

geral tornam-se, subitamente, tabus e objetos de vergonha. A consciência, na qualidade de princípio espiritual, criou uma contraparte da função animal instintiva e natural. A dualidade, a dissociação e a repressão nasceram na psique humana simultaneamente ao nascimento da consciência. Isso significa simplesmente que a consciência, para existir de direito, deve, pelo menos no início, ser antagônica com relação ao inconsciente. Essa percepção nos ensina que todas as teorias psicológicas utópicas, que supõem que a personalidade humana poderia ser integral e saudável se não estivesse sujeita às repressões dos impulsos sexuais e dos instintos, estão erradas. Os estágios inatos e necessários do desenvolvimento psíquico requerem uma polarização de opostos: consciente *versus* inconsciente, espírito *versus* natureza.

Mas nossa exploração a respeito do mito da queda não ficará completa se a deixarmos no ponto em que temos a imagem de Adão e Eva assumindo tristemente sua dura vida no mundo da realidade, ganhando o pão com o suor do rosto e dando à luz com dor. Havia *duas* árvores no Jardim do Éden – não só a árvore do conhecimento do bem e do mal, mas também a árvore da vida. E na verdade Javé demonstrou alguma ansiedade com relação ao fato de o homem poder descobrir a segunda árvore e compartilhar de suas bênçãos. Que significado terá isso? Há uma interessante lenda relativa à árvore da vida narrada na obra de Ginsberg, *Legends of the Jews*, que oferece alguns elementos a esse respeito:

> Estão no paraíso a árvore da vida e a árvore do conhecimento; esta última forma uma cerca em torno da primeira. Apenas aquele que abriu caminho por entre a árvore do conhecimento poderá chegar à árvore da vida – que é tão espessa que pode exigir de um homem quinhentos anos para percorrer a distância equivalente ao diâmetro do seu tronco; não menos vasto é o espaço coberto por sua copa de ramos. A partir da parte inferior da árvore da vida flui a água que irriga toda a superfície da terra, dividindo-se essa água em quatro correntes: o Ganges, o Nilo, o Tigre e o Eufrates.[19]

19. Ginsberg, G., *Legends of the Jews*, edição resumida de *Legends of the Bible*, Nova York, Simon and Schuster, 1956, p. 37.

As lendas tecidas em torno de um mito com freqüência amplificam e elaboram aspectos deixados de lado na história original, como se a psique coletiva necessitasse retornar ao quadro para explicar todo o seu valor simbólico. Esse, segundo me parece, é o caso da lenda citada. O relato bíblico esboça um quadro bastante ambíguo em torno da relação existente entre a árvore do conhecimento e a árvore da vida. A lenda em questão apresenta uma imagem muito mais clara e satisfatória. Ela apresenta a árvore da vida como um *omphalos* ou centro do mundo, análoga à árvore da vida Yggdrasil. A Bíblia nos diz que o fruto da árvore da vida contém em si a imortalidade. Adão e Eva eram imortais antes da queda, mas eram, igualmente, inconscientes. Se pudessem comer o fruto da árvore da vida antes da queda, teriam alcançado tanto a imortalidade quanto a consciência. Javé se opõe a tal violação de seu reino e instala o querubim com a espada flamejante como obstáculo. Todavia, a lenda judaica citada nos dá um indício do modo pelo qual é possível chegar à árvore da vida. Ela pode ser alcançada mediante a abertura de uma trilha na árvore do conhecimento – em forma de cerca – do bem e do mal. Isto é, devemos aceitar repetidas vezes a tentação da serpente, comer repetidamente o fruto do conhecimento e, dessa maneira, abrir – através dessa alimentação – o caminho que leva à árvore da vida. Em outras palavras, a recuperação de nossa unidade perdida só pode ser alcançada mediante a ação de provar e de assimilar integralmente os frutos da consciência.

O mito da queda exprime um padrão e um processo, não só do nascimento original da consciência a partir do inconsciente, mas também o processo por que passamos, de uma ou de outra forma, a cada novo aumento da consciência. Concordo com os Ofitas que é um pouco unilateral a descrição de Adão e Eva apenas como envergonhados ladrões de pomar. Sua ação pode ser descrita, igualmente, como um ato de heroísmo. Eles sacrificam o passivo conforto da obediência para obter uma consciência maior. A serpente se revela, na verdade, uma benfeitora a longo prazo, desde que atribuamos à consciência um valor maior do que o atribuído ao conforto.

Encontramos, no decorrer do tratamento analítico, fragmentos do tema da queda original do homem representados em bom número de sonhos. Esses fragmentos são bastante comuns no momento em que novas percepções conscientes se encontram em processo de nas-

a busca da consciência, simbolizada em ambos os mitos como um crime seguido de punição. Prometeu é amaldiçoado com uma ferida que nunca sara e Epimeteu é amaldiçoado por Pandora com todo o conteúdo de sua caixa. A ferida sem cura é análoga à expulsão do Jardim do Éden, que constitui igualmente uma espécie de ferida. A dor, o trabalho e o sofrimento que Pandora libertou constituem um paralelo do trabalho, do sofrimento e da mortalidade que Adão e Eva encontraram depois de deixarem o Jardim do Éden.

Todos esses elementos se referem às inevitáveis conseqüências da tomada de consciência. A dor, o sofrimento e a morte efetivamente existem antes do nascimento da consciência, mas se não há consciência para experimentá-los, eles não existem psicologicamente. A angústia é anulada se a consciência não estiver presente para percebê-la. Isso explica a grande nostalgia com relação ao estado inconsciente original. Nesse estado, estamos livres de todo sofrimento que a consciência inevitavelmente acarreta. O fato de o fígado de Prometeu ser comido pela águia durante o dia e restaurado à noite contém uma mensagem significativa. O dia é o momento da luz, da consciência; a noite é escuridão, inconsciência. Todos retornamos, durante a noite, à unidade original de que nascemos. E isso tem um efeito de cura. A coisa se passa como se a influência da ferida não estivesse ativa. O que indica ser a consciência, em si mesma, uma geradora de feridas. A ferida eternamente sem cura de Prometeu simboliza as conseqüências da ruptura da unidade inconsciente original, a alienação da unidade original. É o espinho cravado permanentemente na carne.

Esses dois mitos dizem essencialmente a mesma coisa porque exprimem a realidade arquetípica da psique, assim como seu processo de desenvolvimento. A obtenção da consciência é um crime, um ato de *hybris* contra os poderes estabelecidos; mas é um crime necessário, que leva a uma necessária alienação com relação ao estado inconsciente natural de unidade. Se desejamos ser, de alguma forma, leais ao desenvolvimento da consciência, devemos considerá-lo um crime necessário. É preferível ser consciente a permanecer no estado animal. Mas, para emergir, o ego é obrigado a colocar-se contra o inconsciente de que proveio e a assegurar sua autonomia com um ato inflado.

Podemos aplicar essa compreensão em vários níveis. No nível mais profundo, trata-se de um crime contra os poderes universais, contra os poderes da natureza, contra Deus. Mas, na realidade da vida cotidiana, ele não é experimentado no âmbito dessas categorias religiosas, e sim em formas bastante pessoais. No nível pessoal, o ato de atrever-se a adquirir uma nova consciência constitui um crime ou uma rebelião contra as autoridades existentes no ambiente pessoal de cada um de nós, contra nossos pais, e, mais tarde, contra outras autoridades externas. Todo passo dado na direção da individuação é experimentado como um crime contra o coletivo, pois desafia a identificação do indivíduo com algum representante da coletividade, seja a família, o partido, a igreja ou a nação. Ao mesmo tempo, cada um desses passos, na qualidade de ato verdadeiramente inflado, é acompanhado não só de culpa mas também do risco bastante real de nos levar a entrar num estado de inflação que acarrete as conseqüências de uma queda.

Encontramos, na psicoterapia, muitas pessoas cujo desenvolvimento foi aprisionado justamente no ponto em que o crime necessário precisa ser cometido. Alguns dizem: "Não posso desapontar meus pais ou minha família". O homem que mora com a mãe diz: "Gostaria de me casar, mas isso mataria minha pobre e velha mãe". E é possível que ocorra justamente isso caso ele venha a se casar, pois a relação simbiótica que pode existir talvez tenha um sentido literal de alimentação psíquica; se o alimento lhe for negado, o parceiro pode muito bem morrer! Nesses casos, as obrigações para com a mãe são tidas como demasiado fortes para que o indivíduo possa considerar qualquer outro tipo de padrão de vida. O sentimento de responsabilidade com relação ao próprio desenvolvimento psicológico simplesmente ainda não nasceu.

Vemos esse mesmo tema em operação, algumas vezes, na relação psicoterapêutica. Talvez se tenha desenvolvido uma reação negativa ou rebelde ao analista. Uma reação desse tipo pode vir acompanhada de uma grande carga de culpa e de ansiedade, particularmente se o analista for alvo da projeção da autoridade arquetípica. Exprimir uma reação negativa com afeto genuíno, nessas circunstâncias, é um ato sentido de forma muito semelhante ao sentimento que se tem com relação a um crime contra os deuses. Esse ato apresentará semelhanças com um perigoso ato de inflação que certamente

terá conseqüências. Mas, em algum ponto, a não ser que coma o fruto proibido, a não ser que tenha o atrevimento de roubar o fogo dos deuses, a pessoa permanecerá presa a uma transferência dependente e seu desenvolvimento não terá continuidade.

4. *HYBRIS* E NÊMESIS

Há muitos outros mitos que descrevem o estado de inflação. Por exemplo, o mito de Ícaro:

> Dédalo e seu filho Ícaro estavam aprisionados em Creta. Dédalo fez para si e para o filho um par de asas. Com elas, eles conseguiram escapar da ilha. Dédalo tinha advertido seu filho: "Não voe muito alto ou o sol vai derreter a cera de suas asas e você cairá. Siga-me bem de perto. Não trace seu próprio curso". Mas Ícaro ficou tão animado com o fato de poder voar que esqueceu a advertência do pai e seguiu seu próprio rumo. Voou alto demais, a cera das asas se derreteu e ele caiu no mar.

O mito acentua o aspecto perigoso da inflação. Embora haja momentos que exigem um ato inflado para se atingir um novo nível de consciência, há outros em que esses atos são temerários ou desastrosos. Não podemos pretender traçar nosso próprio curso, com segurança, enquanto não soubermos o que estamos fazendo. A dependência com relação à sabedoria superior de outras pessoas muitas vezes representa a atitude acertada numa situação real. Como afirmou Nietzsche, "Muitos renunciaram ao próprio valor ao terem renunciado à própria servidão."[20] Falei de um crime de inflação necessário, mas esse é um crime real e efetivamente envolve conseqüências reais. Se julgarmos mal a situação, sofreremos o destino de Ícaro.

Creio que todos os sonhos relativos a vôos fazem alguma alusão ao mito de Ícaro, particularmente aqueles em que o vôo não

20. Nietzsche, F., "Thus Spake Zarathustra," I, 17, in *The Philosophy of Nietzsche*, Nova York, Modern Library, Random House, 1942, p. 65.

conta com meios mecânicos de apoio. Quando se está acima do solo, o perigo que se corre é o de cair. O choque abrupto com a realidade, simbolizada pela terra, pode ter um perigoso impacto. Sonhos ou imagens-sintomas de aviões em queda, de quedas de lugares altos, fobia das alturas, etc. – tudo isso tem como origem o cenário psíquico básico representado pelo mito de Ícaro.

O que se segue é um exemplo de sonho ligado ao mito de Ícaro. O sonho é de um jovem que tinha identificação com um parente famoso. Ele tomou de empréstimo asas construídas por outra pessoa e voou com elas:

> Eu estava com outras pessoas na beira de um alto penhasco. As pessoas estavam mergulhando na direção de um curso de água bastante raso e eu estava certo de que morreriam. Enquanto sonhava, ou logo depois de sonhar, pensei imediatamente no quadro de Breughel, a "Queda de Ícaro".

O quadro de Breughel, a "Queda de Ícaro" (*Ilustração 5*) é uma paisagem campestre italiana. À esquerda, há fazendeiros arando a terra e fazendo outras coisas. À direita, está o mar e alguns barcos. No canto inferior direito, vemos as pernas de Ícaro enquanto ele está desaparecendo na água. Um dos elementos significativos desse quadro é que o destino de Ícaro do lado direito é completamente ignorado pelas personagens que se encontram à esquerda, que não estão conscientes de que um acontecimento arquetípico está se passando diante de seus olhos. O sonhador comentou esse aspecto do quadro, que sugere estar ele inconsciente do significado daquilo que lhe está acontecendo. Ele se encontrava no processo de uma queda das alturas da irrealidade, mas só mais tarde veio a percebê-lo.

Outro exemplo de sonho desse gênero é o seguinte, sonhado por uma mulher:

> Estou viajando por uma estrada e vejo um homem, como Ícaro, no céu. Ele segura uma tocha. De repente, suas asas se incendeiam e tudo fica em chamas. Equipamentos contra incêndio têm seu jato dirigido para ele e consegue-se apagar o fogo. Mas ele cai pesadamente em direção da morte, ainda segurando a tocha nas mãos. Vejo-o cair perto de mim, fico horrorizada e grito "Oh! Deus, Oh! Deus!"

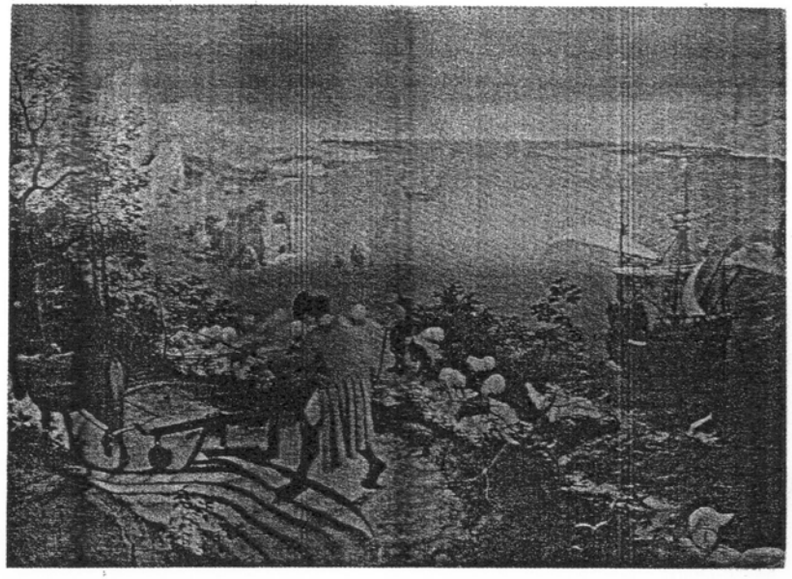


Ilustração 5. A QUEDA DE ÍCARO. Pieter Breughel.

A sonhadora era vítima de projeções freqüentes, intensas e idealistas, do *animus*. Esse sonho marcou a morte dessa projeção, que a havia mantido, até então, numa atitude inflada com relação a si mesma.

Outro mito relativo à inflação é o de Faetonte:

> Faetonte soube, pela mãe, que seu pai era Hélios, o deus-sol. Para prová-lo a si mesmo, Faetonte foi até a morada do sol e perguntou a Hélios: "És realmente meu pai?" Hélios garantiu-lhe que sim e cometeu o erro de afirmar: "Para prová-lo, dar-te-ei o que pedires". Faetonte pediu para dirigir a carruagem do sol pelo firmamento. Hélios imediatamente arrependeu-se da promessa impulsiva, mas Faetonte insistiu e, a contragosto, seu pai cedeu. Faetonte dirigiu a carruagem do sol, mas, como a tarefa estava além de sua capacidade de jovem, acabou em chamas.

O mito nos diz, mais uma vez, que a inflação apresenta, como conseqüência, uma queda. Faetonte é o protótipo do moderno piloto de carros "envenenados". E talvez o mito tenha algo a dizer ao pai indulgente que, relutante, põe nas mãos do filho, cedo demais, muito poder – seja o carro da família, sejam direitos excessivos de autodeterminação – antes de este ser equilibrado por um sentido de responsabilidade equivalente ao poder que recebe.

Lembro-me de um paciente com "complexo de Faetonte". A impressão inicial era de auto-suficiência e arrogância. As regras seguidas pelos outros não se aplicavam a ele. Seu pai tinha sido um homem fraco, a quem não respeitava, e ele também desmerecia ou ridicularizava pessoas com autoridade sobre ele. Sonhava com freqüência com lugares altos. Durante a discussão de um desses sonhos, o terapeuta contou-lhe o mito de Faetonte. Pela primeira vez, na psicoterapia, o paciente foi tocado profundamente. Ele jamais tinha ouvido falar do mito, mas de imediato o reconheceu como o *seu* mito. Ele viu sua vida descrita no mito e de súbito tomou consciência do drama arquetípico que estivera vivendo.

Entretanto, todas as imagens míticas têm caráter ambíguo. Jamais podemos saber com certeza, de antemão, se devemos interpretá-los de forma positiva ou negativa. Por exemplo, apresentamos a seguir um mito ligado a Faetonte de caráter positivo, sonho do mesmo homem que sonhou com o bolo de chocolate. Ele o teve na noite anterior a uma experiência altamente significativa em que, pela primeira vez, foi capaz de enfrentar de forma positiva uma autoridade arbitrária e intimidante em seu local de trabalho. Se o sonho tivesse ocorrido após o evento, poderíamos considerá-lo "causado" pela experiência externa. Mas como ocorreu antes, seguindo-se a ele o encontro corajoso, é justo pensar que o sonho provou o evento externo ou, pelo menos, criou a atitude psicológica que o tornou possível. Eis o sonho:

> Sou Faetonte e acabei de dirigir a carruagem do sol pelo firmamento. É uma cena magnífica – um brilhante céu azul com nuvens claras. Tenho um sentimento de intensa alegria e realização. Meu primeiro pensamento foi: "Jung tinha razão com relação aos arquétipos, no final das contas".

Aqui, o sonho incorpora o mito de Faetonte, mas este é transformado para atender aos propósitos do sonhador. O sonhador Faetonte é bem-sucedido naquilo em que o Faetonte mítico fracassou. Obviamente, o sonhador estava dando um passo que não estava além dos seus poderes. O que ele estava fazendo era arriscado. Envolvia efetivamente certa dose de inflação. Todavia, como o sonho veio depois do sonho anterior, já narrado, compreendo-o como uma referência a uma inflação necessária e heróica que levaria o sonhador a um novo nível de eficácia no interior de si mesmo, como aliás realmente ocorreu. Trata-se, por um lado, de algo arriscado mas que é, por outro, muito necessário. O aspecto a enfatizar depende do indivíduo e da situação em que se encontre.

Outro mito relativo à inflação é o de Íxion. O ato inflado de Íxion foi a tentativa de seduzir Hera. Zeus provocou o fracasso da tentativa ao criar, com uma nuvem, uma falsa Hera. Zeus surpreendeu Íxion no ato e o puniu, prendendo-o a uma roda de fogo que se revolvia interminavelmente no céu (*Ilustração 6*). Nesse caso, a inflação se manifestou na busca do prazer e na luxúria. Íxion, que representa o ego inflado, tenta apropriar-se de algo que pertence aos poderes suprapessoais. Essa tentativa está fadada ao fracasso antes de ser empreendida. O máximo que Íxion consegue é ter contato com uma Hera-nuvem, uma fantasia. Sua punição, a prisão a uma roda de fogo, representa uma idéia deveras interessante. A roda é basicamente uma mandala. Ela tem como conotação o Si-mesmo e a totalidade que pertence ao Si-mesmo, mas nesse caso foi transformada em instrumento de tortura. Isso representa o que pode acontecer quando a identificação do ego com o Si-mesmo dura demasiado. Quando isso ocorre, a identificação se converte em tortura e as ardentes paixões dos instintos tornam-se um fogo do inferno que nos prende à roda, até que o ego seja capaz de se separar do Si-mesmo e de ver a energia instintiva como dinamismo suprapessoal. Enquanto considerar a energia instintiva como objeto de seu prazer pessoal, o ego permanece preso à roda de fogo de Íxion.

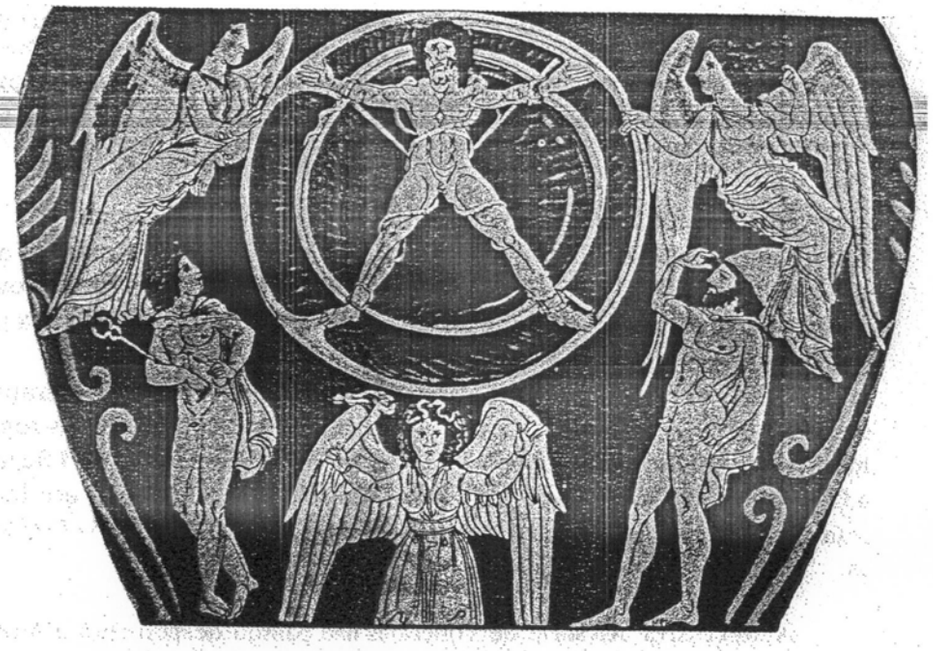


Ilustração 6. ÍXION PRESO À RODA. Pintura de um Vaso Antigo.

Os gregos temiam sobremaneira aquilo a que davam o nome de *hybris*. Em seu uso original, esse termo significava a violência ou a paixão voluptuosas que emergem do orgulho. É sinônimo de um aspecto daquilo que estou denominando inflação. *Hybris* representa a arrogância humana que se apropria daquilo que pertence aos deuses. Significa transcender os limites humanos. Gilbert Murray o explica muito bem:

> Há barreiras invisíveis que um homem dotado de *Aidos* (reverência) não deseja ultrapassar. *Hybris* as ultrapassa a todas. *Hybris* não vê que o pobre homem ou o exílio vêm de Zeus: *Hybris* é a insolência do irreverente, a brutalidade da força. Numa de suas formas, é um pecado do inferior e do fraco, é irreverência; a ausência de *Aidos* diante da presença de algo mais elevado. Mas quase sempre é um pecado do forte e orgulhoso. Nasce da *Koros* ou saciedade – do "estar bem demais"; despreza o fraco e desvalido, afastando-o do caminho, "despreza", como disse

Ésquilo, "o grande Altar de Diquê" (*Agammenon*, 383). E *Hybris* constitui o pecado tipicamente condenado pela Grécia Antiga. Outros pecados, exceto alguns vinculados a tabus religiosos definidos, e outros derivados de palavras que significam "feio" ou "impróprio", parecem ser, quase sempre, formas ou derivativos de *Hybris*.[21]

Murray considera *Aidos* e *Nêmesis* conceitos centrais da experiência emocional dos gregos. *Aidos* significa reverência aos poderes suprapessoais, assim como o sentimento de vergonha quando esses poderes são desacatados. *Nêmesis* é a reação provocada pela falta de *Aidos*, ou *Hybris*.

Um bom exemplo do temor que os gregos tinham de ultrapassar os limites humanos sensatos está na história de Polícrates registrada por Heródoto. Polícrates foi um tirano de Samos, do VI Século a.C. Foi um homem incrivelmente bem-sucedido. Tudo o que fazia saía às mil maravilhas. Sua boa sorte parecia infalível. Diz Heródoto:

> A excessiva boa sorte de Polícrates não passou despercebida a Amásis (seu amigo, Rei do Egito), que por causa disso ficou muito perturbado. Por conseguinte, ciente de que os sucessos de Polícrates continuavam a acumular-se, Amásis escreveu e enviou a Samos a seguinte carta: "Amásis diz a Polícrates: É um prazer tomar conhecimento de que um amigo e aliado vem prosperando; mas sua excessiva prosperidade não me traz alegria, pois sei que os deuses o invejam. O desejo que alimento, com relação a mim e àqueles a quem amo, é que hoje sejamos bem-sucedidos e amanhã soframos um revés – passando a vida, dessa maneira, numa alternância entre o bem e o mal e não bafejados por uma perpétua boa sorte. Pois, até o momento, jamais ouvi falar de alguém que, tendo sido bem-sucedido em todos os seus empreendimentos, não tenha vindo a padecer, no final, a calamidade de uma imensa ruína. Assim sendo, dê ouvidos ao que digo e lida com a tua boa sorte da seguinte forma: escolhe, dentre teus tesouros, aquele que mais aprecia e do qual menos desejaria privar-te; toma-o e, seja o que for, joga-o fora, de modo a teres certeza de que sobre ele não mais pousarão olhos humanos. E depois, se tua boa sorte não for afetada, livra-te da dor repetindo esse procedimento!"[22]

Polícrates seguiu o conselho e atirou ao mar um valioso anel de esmeralda. Todavia, dias depois, um pescador, tendo fisgado um peixe particularmente grande e belo, decidiu dá-lo de presente ao rei Polícrates em lugar de o vender. Aberto o peixe, eis em suas entranhas o anel de esmeralda de que o rei se desfizera. Ao saber disso, Amásis ficou tão assustado que terminou sua amizade com Polícrates, temendo ver-se envolvido no desastre que por certo sobreviria a uma sorte tão grande. O desastre efetivamente ocorreu: Polícrates acabou morrendo crucificado depois de um levante e de uma rebelião bem-sucedidos.

O temor à boa sorte excessiva encontra-se profundamente entranhado no homem. Há um sentimento instintivo de que os deuses invejam o sucesso humano. Sob o prisma psicológico, isso significa que a personalidade consciente não pode ir muito longe sem considerar o inconsciente. O temor à inveja de Deus é uma tênue percepção de que a inflação será ameaçada. Existem efetivamente limites na natureza das coisas e na natureza da própria estrutura psíquica. De fato, algumas vezes o temor à inveja de Deus pode ser levado a extremos. Certos indivíduos não se atrevem a aceitar nenhum sucesso ou acontecimento positivo por temerem que estes levem a alguma obscura punição. De modo geral, isso parece resultar de um condicionamento adverso na infância; por conseguinte, precisa ser reavaliado. Mas, além desse condicionamento pessoal, há uma realidade arquetípica envolvida na questão. Tudo que sobe deve descer. Oscar Wilde afirmou: "Só há uma coisa pior que não conseguir o que se deseja: consegui-lo". Polícrates seria um exemplo.

Emerson exprimiu essa mesma idéia. Ele a discute no ensaio *Compensation*, uma exposição literária da teoria que Jung mais tarde desenvolveu sobre a relação de compensação entre o consciente e o

21. Murray, Gilbert, *The Rise of the Greek Epic*, Londres, Oxford University Press, 1907, p. 264 s.

22. Heródoto, *The Persian Wars*, traduzido por George Rawlinson, Nova York, Modern Library, Random House, 1942, p. 231.

inconsciente. Apresentamos a seguir alguns trechos do ensaio em questão. Emerson vinha falando de como qualquer acontecimento positivo ou negativo tem sua compensação em algum elemento que constitui a natureza das coisas. Diz ele:

> Um homem sábio estende essa lição a todos os elementos da vida e sabe que o papel da prudência é enfrentar todas as pretensões e atender a todas as exigências justas do seu tempo, dos seus talentos e do seu coração. Paga sempre, pois, mais cedo ou mais tarde, terás de pagar tua dívida inteira. As pessoas e eventos podem interpor-se por algum tempo entre ti e a justiça, mas isso não passa de adiamento. Deves pagar no final tua própria dívida. Se fores sábio, temerás a prosperidade que apenas acumula mais em tuas mãos ... para cada benefício que recebes, é cobrado um imposto.[23]
>
> O terror do meio-dia sem nuvens, a esmeralda de Polícrates, o temor à prosperidade e o instinto que leva todo espírito generoso a se impor os rigores de um nobre ascetismo e de uma virtude vicarial são as oscilações da balança da justiça, que perpassam o coração e a mente do homem.[24]

Encontramos outras expressões da idéia de inflação nos conceitos teológicos hebreu e cristão do pecado. O conceito de pecado nas escrituras hebraicas originou-se, ao que parece, da psicologia dos tabus.[25] O que é tabu, embora considerado impuro, também traz consigo a implicação de ser sagrado, santo, carregado de um excesso de energia perigosa. Inicialmente, o pecado é a quebra de um tabu, e toca algo que não deve ser tocado – pois o objeto tabu encerra energias suprapessoais. O ato de tocar ou de se apossar de um objeto desses era um perigo para o ego porque transcendia os limites humanos. Logo, o tabu pode ser encarado como uma proteção contra a inflação. Posteriormente, a idéia de tabu foi reformulada em termos

23. *The Writings of Ralph Waldo Emerson*, Nova York, Modern Library, Random House, 1940, p. 181.

24. *Ibid.*

25. Burrows, Millar, *An Outline of Biblical Theology*, Filadélfia, Westminster Press, 1956, p. 165.

da vontade de Deus e do caráter inevitável de punição por transgressões de Sua vontade. Mas a idéia de tabu e o temor à inflação ainda se manifestam por trás dessa nova fórmula.

O cristianismo também identifica praticamente o pecado à inflação do ego. As bem-aventuranças bíblicas, abordadas em termos psicológicos, podem ser compreendidas mais precisamente como louvor do ego não inflado. Na teologia cristã, o conceito de pecado como inflação é apresentado de forma admirável por Santo Agostinho. Em suas *Confissões*, ele dá uma vívida descrição da natureza da inflação. Rememorando as motivações que o levaram, na infância, a roubar frutos de uma pereira do vizinho, ele afirma que não queria propriamente as peras; na verdade, ele teve prazer com o pecado em si mesmo, a saber, o sentimento de onipotência. Depois, descreve a natureza do pecado como imitação da divindade:

> Pois assim é que o orgulho imita a exaltação; mas só Vós sois Deus, exaltado acima de tudo. Que busca a ambição senão honras e glórias? Mas só Vós deveis ser honrado acima de tudo e glorificado por todos os séculos e séculos. A crueldade do poderoso gostaria de ser temida; mas quem deve ser temido senão Deus e só Ele? ... A curiosidade se assemelha a um desejo de conhecimento; mas só Vós sabeis supremamente tudo ... a preguiça gostaria de descansar; mas qual o descanso estável além do Senhor? A luxúria anseia ser chamada riqueza e abundância; mas Vós sois a riqueza completa e imortal dos prazeres incorruptíveis ... A cobiça possuirá muitas coisas; mas Vós a tudo possuís. A inveja reclama para si a excelência, mas que é mais excelente do que Vós? A cólera busca a vingança: Quem usa a vingança de forma mais justa que Vós? ... O pesar consome-se pelas coisas perdidas, o deleite dos seus desejos; pois nada quer que se lhe tire, tanto quanto nada pode ser tirado de Vós ... Assim, pervetidamente, Vós imitam, todos quantos se afastam muito de Vós ou que se levantam contra Vós ... As almas não buscam, em seus próprios pecados, senão uma espécie de semelhança com Deus.[26]

26. *The Confessions of St. Augustine*, traduzido por Edward B. Pusey, Nova York, Modern Library, Random House, 1949, p. 31 ss.

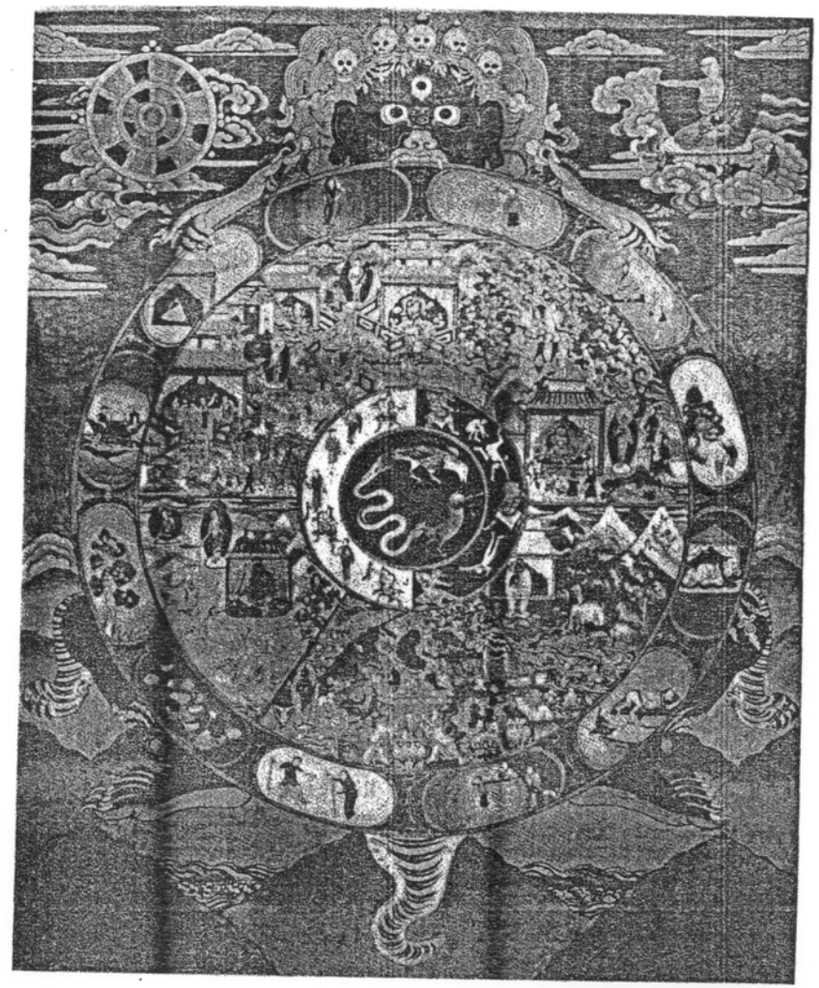


Ilustração 7. A RODA DA VIDA. Pintura, Tibete.

A mesma idéia de inflação está presente na noção budista de *avidya*, "não saber" ou inconsciência. De acordo com a visão budista, os sofrimentos humanos têm como causa os anseios e desejos ardentes dos homens, cuja base está na ignorância da realidade. Esse estado de coisas é representado pictoricamente pela imagem do homem preso à roda da vida, acionada pelo porco, pelo galo e pela serpente – que representam várias formas de concupiscência (*Ilustração 7*).

A roda da vida indiana constitui um paralelo da roda de fogo giratória de Íxion; elas significam o sofrimento que acompanha a identificação do ego ao Si-mesmo, quando o primeiro tenta apropriar-se, para seu uso pessoal, das energias transpessoais deste último. A roda é o Si-mesmo, o estado de totalidade, mas é uma roda de tortura enquanto o ego permanece identificado inconscientemente com ela.

Vários estados de inflação gerados pela identidade ego–Si-mesmo residual constituem um lugar-comum na prática psicoterapêutica. Atitudes e suposições grandiosas e irrealistas de todos os tipos vão emergindo conforme o processo terapêutico desvela a base inconsciente. Essas suposições infantis-onipotentes mereceram uma atenção quase exclusiva nas teorias e técnicas de Freud e de Adler. Os métodos redutivos dessas duas perspectivas são válidos quando lidamos com os sintomas de identidade ego–Si-mesmo. Todavia, mesmo com relação a esse aspecto, jamais devemos esquecer a necessidade de manter intacto o eixo ego–Si-mesmo. O método redutivo é experimentado pelo paciente como uma crítica e como uma depreciação. E é verdade que esses elementos se encontram presentes. Uma interpretação que reduza um conteúdo psíquico às suas fontes infantis constitui uma rejeição do seu significado consciente e óbvio, e por isso leva o paciente a sentir-se diminuído e rejeitado. Esse método pode ser necessário para promover a separação entre o ego e o Si-mesmo, mas é uma espada afiada que se deve usar com cuidado. O propósito subjacente – provocar deflação – é expresso na fala vernácula quando se chama o psiquiatra de "encolhedor de cabeças". Para aqueles que se ressentem com o método redutivo, mesmo usado conscienciosamente, eu citaria as palavras de Lao Tsé:

Aquele que se sente alfinetado
Deve ter sido algum dia uma bolha,
Aquele que se sente desarmado
Deve ter portado armas,
Aquele que se sente desdenhado
Deve ter tido importância,
Aquele que se sente privado
Deve ter tido privilégios...[27]

27. Lao Tsé, *Tao te King*, Verso 36. Traduzido por Witter Bynner sob o título *The Way of Life*, Nova York, The John Day Co., 1944.

CAPÍTULO DOIS

O EGO ALIENADO

O próprio perigo suscita o poder salvador.
– HOLDERLIN*

1. O EIXO EGO–SI-MESMO E O CICLO DA VIDA PSÍQUICA

Embora o ego se inicie num estado de inflação decorrente da identificação com o Si-mesmo, essa condição não pode persistir. Os encontros com a realidade frustram as expectativas infladas e provocam um estranhamento entre o ego e o Si-mesmo. Esse estranhamento é simbolizado por imagens como queda, exílio, ferida sem cura, tortura perpétua. Evidentemente, quando essas imagens entram em jogo, o ego foi não só castigado, mas também ferido. Esse ferimento pode ser mais bem compreendido como um dano infligido ao eixo ego–Si-mesmo, um conceito que é necessário discutir um pouco mais a partir de agora.

A observação clínica leva-nos à conclusão de que a integridade e a estabilidade do ego dependem, em todos os estágios do desen-

* *Patmos, Wo aber Gefahr ist, wächst das Rettende auch.*

volvimento, de uma viva conexão com o Si-mesmo. Fordham[1] dá exemplos de imagens semelhantes a mandalas, entre crianças, que surgem como círculos protetores mágicos em momentos em que o ego se encontra ameaçado por forças destrutivas. Ele cita várias ocasiões de contato com crianças nas quais o desenho de um círculo foi associado à palavra "eu" e levou a uma ação efetiva que a criança anteriormente tinha sido incapaz de realizar. Uma ocorrência semelhante tem lugar na psicoterapia de adultos nos momentos em que o inconsciente pode produzir uma imagem-mandala que traz consigo um sentimento de calma e contenção a um ego desordenado e confuso. Essas observações indicam que o Si-mesmo se mantém por trás do ego e pode agir como garantia de sua integridade. Jung exprime essa mesma idéia ao dizer: "O ego mantém com o Si-mesmo a mesma relação que há entre o elemento movido e o elemento que move ... O Si-mesmo ... é uma existência *a priori* da qual surge o ego. Ele é, por assim dizer, uma prefiguração inconsciente do ego".[2] Assim sendo, ego e Si-mesmo mantêm entre si uma afinidade estrutural e dinâmica. O termo "eixo ego–Si-mesmo" foi usado por Neumann para designar essa afinidade vital.[3]

Essa afinidade entre o ego e o Si-mesmo é ilustrada mitologicamente pela doutrina do Antigo Testamento segundo a qual o homem (ego) foi criado à imagem e semelhança de Deus (Si-mesmo). É também pertinente a essa afinidade o nome primordial atribuído a Javé – "Eu sou aquele que é". Não são as palavras "Eu sou" que definem a natureza essencial do ego? Por conseguinte, caminhamos num terreno seguro quando postulamos uma conexão básica entre ego e Si-mesmo que se reveste de importância fundamental do ponto de vista da manutenção do funcionamento e da integridade do ego.

1. Fordham, M., "Some Observations on the Self and the Ego in Childhood", in *New Developments in Analytical Psychology*, Routledge and Kegan Paul, Londres, 1957.

2. Jung, C. G., *Psychology and Religion: West and East*, C. W., Vol. 11, par. 391.

3. Neumann, E., "Narcissism, Normal Self-Formation and the Primary Relation to the Mother", in *Spring*, publicado pelo Clube de Psicologia Analítica de Nova York, 1966, pp. 81 ss. Esse artigo seminal merece um cuidadoso estudo por parte de todos os psicólogos analíticos.

Essa conexão é descrita, nos diagramas da página 24, pela linha que conecta o centro do círculo do ego ao centro do círculo do Si-mesmo, linha que foi denominada eixo ego–Si-mesmo. O eixo ego–Si-mesmo representa a conexão vital entre o ego e o Si-mesmo, a qual deve ficar relativamente intacta se se pretende que o ego suporte as tensões e cresça. Esse eixo é uma passagem ou canal de comunicação entre a personalidade consciente e a psique arquetípica. A danificação do eixo ego–Si-mesmo impede ou destrói a conexão entre consciente e inconsciente e provoca a alienação do ego com relação à sua origem e fundamento.

Antes de passar à consideração do modo pelo qual a danificação do eixo ego–Si-mesmo ocorre na infância, é necessário fazer algumas observações preliminares. Toda imagem arquetípica traz consigo um aspecto parcial do Si-mesmo. No inconsciente, não há separação entre coisas diferentes. Todas as coisas formam um mesmo amálgama. Assim sendo, enquanto o indivíduo não tiver consciência delas, as camadas sucessivas que aprendemos a distinguir (isto é, sombra, *animus* ou *anima* e Si-mesmo) não estão separadas, mas sim amalgamadas numa única totalidade dinâmica. Por trás do problema da sombra ou do *animus*, assim como de um problema de figura parental, espreita o Si-mesmo. Na qualidade de arquétipo central, o Si-mesmo subordina todos os demais dominantes arquetípicos. Esse cerca e contém esses dominantes arquetípicos. Em conseqüência, todos os problemas relacionados à alienação – seja alienação entre ego e figuras parentais, ego e sombra, ego e *anima* (ou *animus*) – são, em última análise, problemas de alienação entre o ego e o Si-mesmo. Embora separemos essas diferentes figuras para propósitos descritivos, as evidências empíricas indicam que, normalmente, eles não estão separados. Por conseguinte, quando lidamos com qualquer problema psicológico sério lidamos, basicamente, com a questão do relacionamento entre o ego e o Si-mesmo. Isso é válido, em especial, na psicologia infantil.

Neumann sugeriu que o Si-mesmo pode ser experimentado, na infância, com relação aos pais – e, no período inicial, com a mãe. Neumann dá à relação original entre mãe e filho a denominação de "relacionamento primário". Segundo ele, "... no relacionamento primário, a mãe, na qualidade de fonte de orientação, proteção e nutrição, representa o inconsciente e, na primeira fase, representa

também o Si-mesmo e ... a criança dependente representa o ego infantil e a consciência".[4] Isso significa que o Si-mesmo é inevitavelmente experimentado, no início, numa projeção que tem como alvo os pais. Portanto, a fase inicial do eixo ego–Si-mesmo em desenvolvimento pode ser idêntica ao relacionamento entre os pais e o filho. É precisamente com relação a esse ponto que devemos ser particularmente cuidadosos no sentido de fazer justiça tanto aos fatores históricos pessoais como aos fatores arquetípicos *a priori*. O Si-mesmo constitui um determinante interno *a priori*. Todavia, ele não pode emergir sem que haja um relacionamento pais-filho concreto. Neumann chama a atenção para isso e dá a essa relação a denominação de "evocação pessoal do arquétipo".[5] No decorrer dessa fase, em que a experiência do Si-mesmo toma a forma de projeção, é provável que o eixo ego–Si-mesmo esteja extremamente vulnerável a danos provocados por fatores ambientais adversos. Nesse período, não é possível distinguir entre interior e exterior. Por conseguinte, a incapacidade de experimentar aceitação ou vínculo é sentida como algo idêntico à perda de aceitação por parte do Si-mesmo. Em outras palavras, o eixo ego–Si-mesmo sofreu um dano, o que provocou uma alienação entre o ego e o Si-mesmo. A parte separou-se do todo. Essa experiência da rejeição parental de algum aspecto da personalidade da criança faz parte da anamnese de quase todos os pacientes da psicoterapia. Designo pela palavra rejeição não o treinamento e a disciplina necessários da criança, que lhe ensinam a refrear a cobiça primitiva, mas a rejeição parental que se origina da projeção da sombra dos pais sobre a criança. Trata-se de um processo inconsciente experimentado pela criança como algo não-humano, total e irreversível. É algo que parece vir de uma divindade implacável. Essa aparência tem duas origens. Em primeiro lugar, a projeção do Si-mesmo nos pais, feita pela criança, atribuirá às ações destes uma importância transpessoal. Em segundo lugar, o pai rejeitador – que funciona inconscientemente – estará agindo em sua própria área de identidade ego–Si-mesmo e ficará, portanto, inflado numa identificação com a divindade. A conseqüência disso, do ponto de vista da criança, é um dano infligido ao seu eixo ego–Si-mesmo, e que lhe pode afetar permanentemente a psique.

4. Neumann, E., "The Significance of the Genetic Aspect for Analytical Psychology", *Journal of Analytical Psychology*, IV, 2, p. 133.

5. *Ibid*, p. 128.

O Si-mesmo, na qualidade de centro e totalidade da psique, capaz de conciliar todos os opostos, pode ser considerado o órgão de aceitação *par excellence*. Como inclui a totalidade, ele deve ser capaz de aceitar todos os elementos da vida psíquica, por mais antitéticos que possam ser. O sentimento de ser aceito pelo Si-mesmo dá ao ego força e estabilidade. Esse sentimento de aceitação é veiculado para o ego através do eixo ego–Si-mesmo. Um sintoma de danificação desse eixo é a falta de auto-aceitação. O indivíduo sente que não merece viver ou ser o que é. A psicoterapia oferece à pessoa que passa por isso uma oportunidade de experimentar a aceitação. Em casos bem-sucedidos, essa experiência pode equivaler a um reparo do eixo ego–Si-mesmo que restabelece o contato com as fontes internas de força e de aceitação – o que deixa o paciente livre para viver e crescer.

Os pacientes cujo eixo ego–Si-mesmo se encontra danificado se impressionam mais, na psicoterapia, pela descoberta de que o psicoterapeuta os aceita. Inicialmente, eles não conseguem acreditar nisso. O fato da aceitação pode ser objeto de descrédito, sendo considerado apenas uma técnica profissional desprovida de realidade genuína. Todavia, se a aceitação do terapeuta puder ser reconhecida como fato, aparece prontamente uma poderosa transferência. A fonte dessa transferência parece ser a projeção do Si-mesmo, especialmente em sua função de órgão de aceitação. Nesse ponto, as características *centrais* do terapeuta–Si-mesmo tornam-se proeminentes. O terapeuta como pessoa torna-se o *centro* da vida e dos pensamentos do paciente. As sessões de terapia se tornam os pontos *centrais* da semana. Surgiu, onde antes só havia caos e desespero, um centro de significado e de ordem. Esses fenômenos indicam que está em andamento uma reparação do eixo ego–Si-mesmo. Os encontros com o terapeuta serão experimentados como um contato rejuvenescedor com a vida, um contato que veicula um sentimento de esperança e de otimismo. No início, esses efeitos requerem um contato freqüente e desaparecem rapidamente entre as sessões. Todavia, aos poucos, o aspecto interno do eixo ego–Si-mesmo torna-se cada vez mais proeminente.

culo de século da alienação. Considerem-se, a propósito, as passagens apresentadas a seguir, retiradas de *The Waste Land*, de T. S. Eliot:

> What are the roots that clutch, what branches grow
> Out of this stony rubbish? Son of man,
> You cannot say, or guess, for you know only
> A heap of broken images, where the sun beats,
> And the dead tree gives no shelter, the cricket no relief.
> And the dry stone no sound of water.
> ...
> Here is no water but only rock
> Rock and no water and the sandy road
> The road winding above among the mountains
> Which are mountains of rock without water
> If there were water we should stop and drink
> Amongst the rock one cannot stop or think
> Sweat is dry and feet are in the sand
> If there were only water amongst the rock
> Dead mountain mouth of carious teeth that cannot spit
> Here one can neither stand nor lie nor sit
> There is not even silence in the mountains
> But dry and sterile thunder without rain.
> There is not even solitude in the mountains
> But red sullen faces sneer and snarl
> From doors of mudcracked houses.[12]

[Que raízes se firmam, que ramos crescem / A partir desses resíduos de pedra? Filho do homem, / Não podes dizer, ou entrever, pois conheces apenas / um monte de imagens quebradas, onde bate o sol, / onde a árvore morta não dá abrigo, nem o tronco alívio. / Nem a pedra seca dá sinal de água. // ... // Aqui não há água; só rocha / Rocha e não água e a estrada de areia / A estrada que serpenteia para cima entre as montanhas / Que são montanhas de rocha sem água / Se houvesse água, deveríamos parar e beber / Entre as rochas não se pode parar ou pensar / O suor é seco e os pés mergulham na areia / Se pelo menos houvesse água entre as rochas / Montanha morta, de boca com dentes cariados, que não pode salivar / Aqui não se pode ficar de pé, nem deitar, nem sentar / Nem mesmo há silêncio nas montanhas / Mas trovão seco e estéril, sem chuva. / Nem mesmo há solidão nas montanhas / Sombrias faces rubras escarnecem e rosnam / Das portas de casas de barro rachado.]

12. Eliot, T.S., *Collected Poems*, Nova York, Harcourt, Brace and Company, pp 69 s. e 86 s.

Este poderoso poema expressa a alienação individual e coletiva característica do nosso tempo. O "monte de imagens quebradas" certamente constitui uma referência aos símbolos religiosos tradicionais que, para muitas pessoas, perderam o significado. Vivemos num deserto, sem poder encontrar uma fonte de água vital. As montanhas – originalmente o local do encontro entre o homem e Deus – nada têm senão trovão seco e estéril, sem chuva.

O existencialismo moderno pode ser considerado sintoma desse estado de alienação coletiva. Muitos romances e peças teatrais modernos descrevem vidas perdidas, sem sentido. O artista moderno parece forçado a descrever, mais e mais vezes, para tornar familiar, a todos e a cada um de nós, a experiência da falta de sentido. Todavia, não devemos considerar esse fenômeno algo totalmente negativo. A alienação não é um beco sem saída. Podemos alimentar a esperança de que ela leve a uma consciência maior com relação às alturas e profundidades da vida.

3. A ALIENAÇÃO E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Da mesma forma como a experiência da inflação ativa representa um complemento necessário do desenvolvimento do ego, a experiência da alienação constitui um prelúdio necessário à consciência do Si-mesmo. Kierkegaard, origem do existencialismo moderno, reconheceu o significado da experiência da alienação na passagem apresentada a seguir:

> ... fala-se muito a respeito de vidas perdidas – mas só é perdida a vida do homem que viveu tão iludido pelos prazeres da vida, ou pela sua tristeza, que jamais se tornou eterna e decisivamente consciente de si mesmo como espírito ... ou (o que é a mesma coisa) que jamais se tor-

A experiência de aceitação não só repara o eixo ego–Si-mesmo, como reativa a identidade residual entre eles. Isso deve ocorrer desde que o eixo ego–Si-mesmo esteja completamente inconsciente (condição representada pela Figura 2). Assim, emergirão atitudes infladas, expectativas possessivas, etc., que evocam uma rejeição adicional por parte do terapeuta ou do ambiente. O eixo ego–Si-mesmo será danificado mais uma vez, produzindo-se, desse modo, um estado de relativa alienação. Tanto em psicoterapia como no desenvolvimento natural, o ideal é que ocorra uma dissolução progressiva da identidade entre o ego e o Si-mesmo, de uma forma suave o bastante para não danificar o eixo ego–Si-mesmo. Na realidade, essa condição desejável raramente ocorre.

O processo de desenvolvimento do inconsciente parece seguir o curso cíclico representado na Figura 5, página 71.

Como indica o diagrama, o crescimento psíquico envolve uma série de atos inflados ou heróicos. Esses atos provocam a rejeição e são seguidos da alienação, do arrependimento, da restituição e de uma inflação renovada. Esse processo cíclico se repete várias vezes nas primeiras fases do desenvolvimento psicológico e cada ciclo produz um incremento da consciência. Assim, a consciência vai sendo construída aos poucos. Todavia, o ciclo pode dar errado. Ele está sujeito a distúrbios, especialmente nas fases iniciais da vida. Na infância, o vínculo entre a criança e o Si-mesmo é, em grande parte, idêntico ao vínculo entre a criança e os pais. Portanto, se esse último relacionamento for defeituoso, o contato da criança com seu centro interno do ser padecerá de um defeito idêntico. Esse fato torna as primeiras relações familiares extremamente importantes para o desenvolvimento da personalidade. Se as relações familiares interpessoais forem muito danosas, o ciclo pode ficar interrompido quase por completo. Ele pode interromper-se em dois lugares (Pontos A e B da Figura 5).

Pode surgir um bloqueio, se não houver uma aceitação e uma renovação do amor suficientes no Ponto A (Figura 5). Se a criança não for plenamente aceita depois de ser punida por mau comportamento, o ciclo de crescimento pode sofrer um curto-circuito. Em lugar de completar o ciclo e de alcançar uma posição de repouso e aceitação, o ego da criança pode ver-se aprisionado numa oscilação

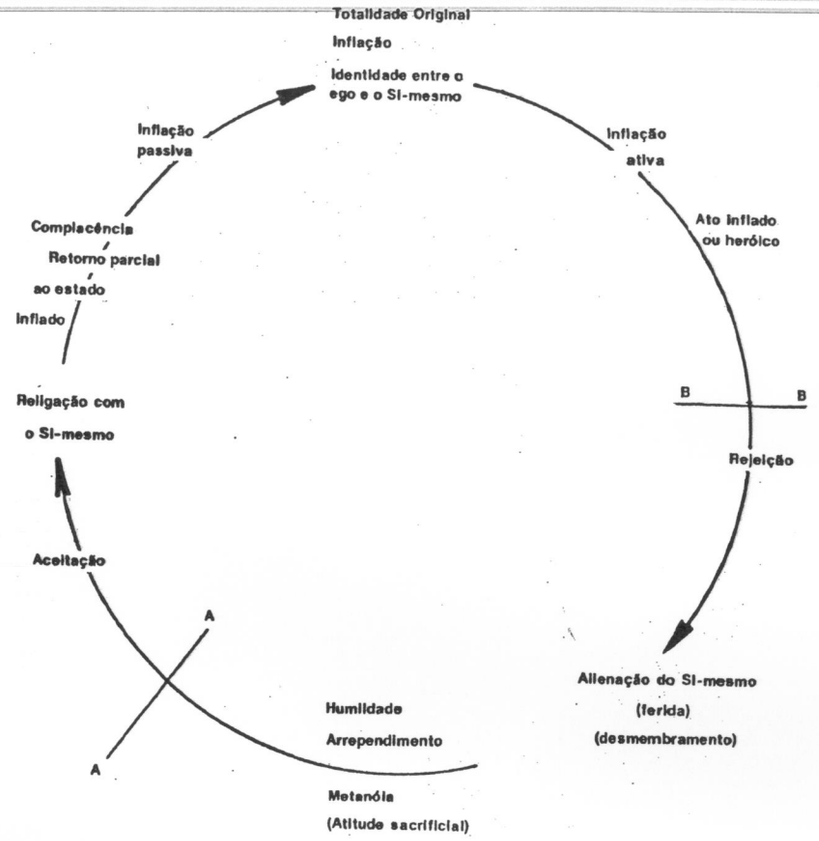


Figura 5. O Ciclo da Vida Psíquica.

estéril entre inflação e alienação, que cria, cada vez mais, frustração e desespero.

Outro ponto em que pode ocorrer bloqueio é o Ponto B. Se o ambiente da criança for indulgente a ponto de privá-la de toda e qualquer experiência significativa de rejeição, se seus pais jamais disserem "Não", ocorre igualmente um curto-circuito no ciclo. Toda a experiência de alienação, que traz consigo a consciência, terá sido omitida e a criança terá obtido aceitação de sua inflação. Isso leva à

psicologia da criança mimada e contribui para a vida de provisão, em que as limitações e as rejeições praticamente não foram experimentadas.

A Figura 5 representa uma alternância entre inflação e alienação que se manifesta nos estágios psicológicos iniciais. Ela deixa de fora o estágio mais avançado de desenvolvimento em que o ciclo é superado. Uma vez que tenha alcançado um certo grau de desenvolvimento, o ego não precisa continuar esse ciclo repetitivo, pelo menos não da mesma forma. Assim, o ciclo é substituído por um diálogo mais ou menos consciente entre ego e Si-mesmo.

2. DESESPERO E VIOLÊNCIA

No estado de alienação, o ego não só perde identificação com o Si-mesmo – o que é desejável – como também se desvincula dele – o que é deveras indesejável. A conexão entre ego e Si-mesmo tem importância vital para a saúde psíquica. Proporciona fundamento, estrutura e segurança ao ego, além de fornecer a este último energia, interesse, significado e propósito. Quando a conexão se quebra, o resultado é o vazio, o desespero, a falta de sentido e, em casos extremos, a psicose ou o suicídio.

A Bíblia apresenta várias personagens mitológicas que representam o estado de alienação. Adão e Eva, quando de sua expulsão do jardim (*Ilustração 4*), são personagens tristes e estranhas. Caim também representa uma personagem alienada. Lemos no Gênesis:

> E Abel foi pastor de ovelhas e Caim lavrador. Com o passar do tempo, Caim levou ao Senhor uma oferenda dos frutos da terra, e Abel levou das primícias de suas ovelhas e de sua gordura. E o Senhor atentou para Abel e para sua oferta, mas não atentou para Caim e para a sua oferta. Então, Caim ficou irado e seu semblante descaiu. O Senhor disse a Caim: "Por que estás tão irado e por que teu semblante descaiu?"[6]

6. Gênesis 4:2-6, RSV.

Javé não parece perceber que fora sua própria rejeição de Caim e da oferta que este fizera a causa de todo o problema.

> Caim disse a Abel, seu irmão, "Saiamos ao campo". E quando estavam no campo, Caim atirou-se contra o irmão Abel e o matou. Então, o Senhor disse a Caim: "Onde está Abel, teu irmão?" Disse ele: "Não sei; sou eu guardador de meu irmão?" E disse o Senhor: "Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra. E agora és maldito desde a terra, que abriu a boca para receber, de tuas mãos, o sangue de teu irmão. Quando lavrares a terra, esta já não te dará sua força; serás fugitivo e vagabundo na terra".[7]

Assim, Caim é banido para regiões selvagens, reproduzindo, em outro nível, o banimento de Adão do paraíso. Se observarmos esse mito de forma objetiva, e não da forma tradicional, veremos que a origem da dificuldade foi a rejeição inicial de Caim, por parte de Deus, sem razão ou causa aparente. Ficamos sabendo que Abel cuidava de ovelhas e que Caim lavrava a terra. Talvez Caim estivesse dando início à agricultura numa terra de pastoreio. Isso poderia explicar sua rejeição. Ele foi um inovador e sofreu o destino característico de todos que tentam trazer uma nova orientação a uma sociedade imóvel que teme a mudança. De qualquer maneira, Caim é uma personagem arquetípica que representa a experiência da rejeição e da alienação. A reação que ele manifestou a uma rejeição irracional e excessiva é característica: a violência. Sempre que experimentamos uma insuportável alienação e desespero, vem a violência. A violência pode tomar tanto uma forma interna quanto uma forma externa. Em suas manifestações extremas, isso pode ser o suicídio ou o assassinato, respectivamente. O ponto crucial é que, na raiz de todas as formas de violência, reside a experiência de alienação – uma rejeição muito difícil de suportar.

Lembro-me de um paciente de um hospital de doentes mentais que vivia o mito de Caim. Desde a infância, seu maior problema e o tema central de sua experiência de vida era a rivalidade com o irmão mais velho. Seu irmão era bem-sucedido em tudo em que se envolvia

7. Gênesis 4:8-12, RSV.

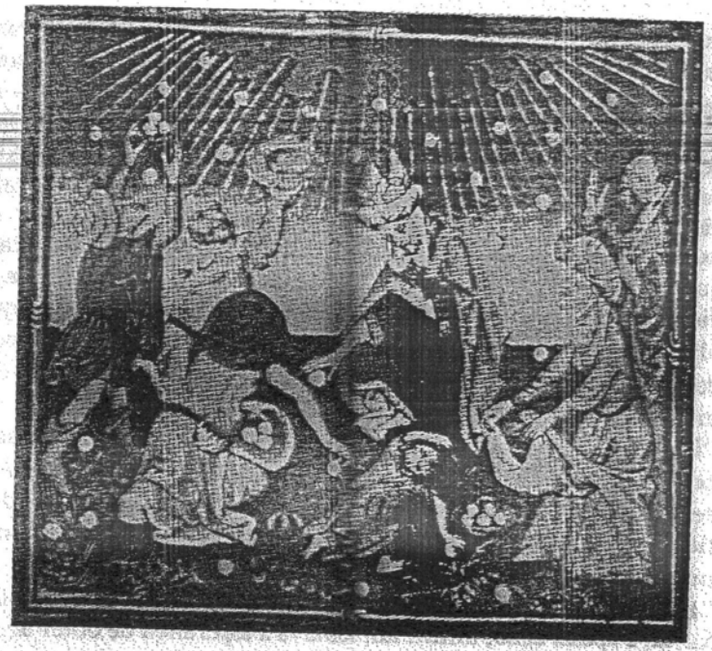


Ilustração 9. ISRAELITAS COLHENDO MANÁ. The Hours of Catherine of Cleves.

nou consciente – e, no sentido mais profundo, que jamais teve um vislumbre – do fato de que existe um Deus, e de que ele, ele próprio ... existe diante desse Deus, *cujo grau de infinitude jamais é alcançado senão através do desespero* (itálicos meus).[13]

Jung diz essencialmente a mesma coisa em termos psicológicos:

O si-mesmo, em seus esforços de auto-realização, vai além da personalidade-ego em todas as direções; graças à sua natureza de elemento que a tudo abarca, o si-mesmo é mais claro e mais escuro que o ego e, por essa razão, confronta-o com problemas que ele gostaria de evitar. A força moral ou a percepção pessoal ou ambos os elementos falham, até

13. Kierkegaard, S., *Fear and Trembling, the Sickness Unto Death*, Garden City, N.Y., Doubleday Anchor Books, 1954, p. 159 s.

que o destino final decida ... o indivíduo tornou-se vítima de uma decisão tomada à revelia de sua mente e que lhe desafia o coração. A partir disso podemos ver o poder numinoso do si-mesmo, que dificilmente pode ser experimentado de alguma outra forma. Por essa razão, *a experiência do si-mesmo sempre representa a derrota do ego.*[14]

Há numerosas descrições de experiências religiosas precedidas, tipicamente, por aquilo que São João da Cruz denominou "a noite escura do espírito", que Kierkegaard denominou "desespero" e que Jung denominou "derrota do ego". Todos esse termos indicam o mesmo estado de alienação psicológica. Observamos, em várias partes da documentação relativa às experiências religiosas, um profundo sentimento de depressão, de culpa, de pecado e de falta de valor, assim como a completa ausência de qualquer sentimento de apoio ou fundamento transpessoal para a existência do indivíduo se apoiar.

O símbolo clássico da alienação é a imagem do *deserto*. E é aqui, caracteristicamente, que encontramos alguma manifestação de Deus. Quando o peregrino perdido no deserto está prestes a perecer, eis que surge uma fonte divina de alimentação. Os israelitas são alimentados, no deserto, pelo maná que cai dos céus. (Êxodo, 16:4) (*Ilustração 9*). Elias, no deserto, é alimentado pelos corvos (Reis 17:2-6) (*Ilustração 10*). De acordo com a lenda, o eremita do deserto, São Paulo, também foi alimentado por um corvo (*Ilustração 11*). Isso significa, em termos psicológicos, que a experiência do aspecto de suporte da psique arquetípica tem mais probabilidades de ocorrer quando o ego exauriu seus recursos próprios e está consciente de que, por si mesmo, é essencialmente incapaz: "O limite do homem é a oportunidade de Deus".

William James, em sua obra *Varieties of Religious Experience*, fornece um certo número de exemplos do estado de alienação que precede uma experiência numinosa. Um dos casos que discute é o de Tolstoi:

14. Jung, C. G., *Mysterium Coniunctionis*, C. W., Vol. 14, par. 778.

e era o favorito do pai e da mãe. Esse favoritismo era tão pronunciado que os pais costumavam referir-se ao paciente pelo nome do irmão. Compreende-se que isto o enfurecesse, pois significava (o que era verdade) que ele não era experimentado como indivíduo distinto e que quase não existia aos olhos dos pais. O paciente foi levado a um estado de amargura e de frustração, com um profundo sentimento de inutilidade. Seu grau de identificação com o "rejeitado" se revelou pela reação que ele teve quando assistia ao filme *A Leste do Éden*, baseado no romance de John Steinbeck. Trata-se de uma forma modernizada do tema de Caim e Abel. Há na história dois irmãos; um deles é favorito do pai e o outro é abandonado e rejeitado. O paciente identificou-se muito com o irmão rejeitado e, no meio do filme, teve uma reação de ansiedade e de angústia tão extrema que foi forçado a se retirar.

Mais tarde, esse paciente se casou, mas as coisas não correram bem entre ele e a esposa. Esta teve um caso com outro homem. Tal situação provocou a volta do tema da antiga rejeição, com toda a intensidade, e ele atacou criminosamente a mulher mas não a matou. Mais tarde, tentou o suicídio. A princípio, não teve sucesso mas, na terceira tentativa, conseguiu. Assim, viveu seu destino mitológico até o amargo fim.

Do ponto de vista interno, há apenas uma pequena diferença entre assassinato e suicídio. A única diferença está na direção em que se dirige a energia destrutiva. Num estado de depressão, as pessoas normalmente se vêem às voltas com sonhos assassinos; o sonhador mata a si mesmo internamente. Essas imagens oníricas indicam que o assassinato e o suicídio são essencialmente a mesma coisa em termos simbólicos.

Outra personagem bíblica, que é igualmente uma representação típica do estado alienado, é Ismael (*Ilustração 8*). Ismael era filho ilegítimo de Abraão e da escrava Hagar. Quando Isaque, o filho legítimo, nasceu, Ismael e sua mãe foram expulsos para o deserto. O tema da ilegitimidade constitui um dos aspectos da experiência de alienação. As crianças ilegítimas da vida real normalmente apresentam um sério problema de alienação, que pode ser denominado complexo de Ismael.

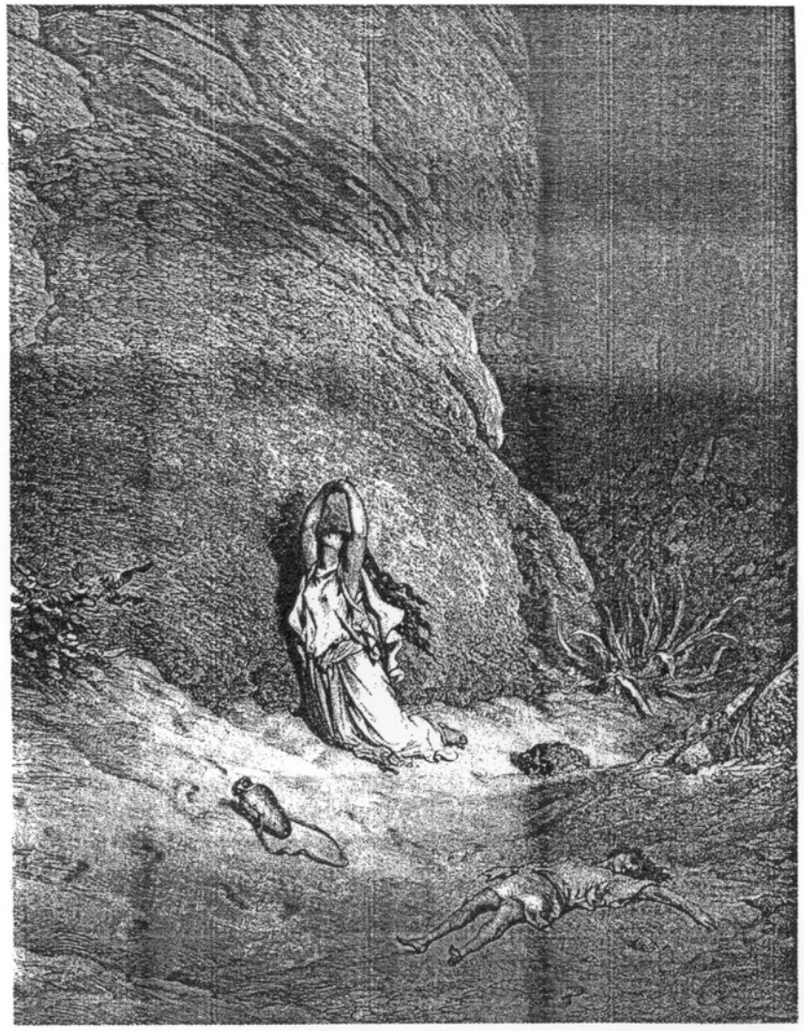


Ilustração 8. HAGAR E ISMAEL NO DESERTO. Gustave Doré.

O livro de Melville, *Moby Dick*, é um belo exemplo de manifestação do complexo de Ismael. O nome da personagem central é Ismael e a história descreve a alternância entre estados de inflação e de alienação. O primeiro parágrafo de *Moby Dick* é:

> Chamai-me Ismael. Há alguns anos – não importa precisamente quantos –, tendo na bolsa pouco ou quase nenhum dinheiro e nada que me interessasse particularmente em terra, achei que devia navegar um pouco e ver a parte líquida do mundo. É uma forma que tenho para espantar a melancolia e regular a circulação. Sempre que começo a ficar sombrio como um dia chuvoso e úmido, sempre que dou comigo a parar diante das funerárias e a acompanhar todo e qualquer enterro que encontro; e especialmente sempre que minha hipocondria exerce sobre mim um domínio que requer uma grande força moral para me impedir de ir para a rua e surrar as pessoas – então, acho que está na hora de ir para o mar o mais rápido que puder. Essa é a minha alternativa a uma pistola carregada. Com um floreio filosófico, Catão se atira sobre a espada; eu vou calmamente para a minha embarcação. Nada há de surpreendente nisso. Quase todos os homens (se o soubessem), qualquer que seja a classe a que pertençam, uma vez ou outra compartilham comigo praticamente dos mesmos sentimentos para com o mar.[8]

Tudo que acontece no livro é decorrência lógica desse primeiro parágrafo. Todo o trágico drama da violência e da inflação se desenvolve a partir desse estado inicial de desespero alienado e suicida. Trata-se de um exemplo de ciclo vital em curto-circuito, um estado de alienação que provoca o retorno à inflação renovada e que tem como conseqüência mais desastres.

Outros clássicos da literatura também têm início com um estado de alienação. A *Divina Comédia*, de Dante, tem início com as seguintes linhas:

> Em meio à jornada da vida
> Achei-me perdido em selva escura;
> Pois perdera o caminho certo que seguia,
> Ai de mim! É tão penosa a tarefa de descrever
> Quão selvagem era aquela paragem áspera e hostil,
> Que a memória treme só de pensar!
> Era algo tão triste que nem na morte haverá mais tristeza.[9]

O *Fausto*, de Goethe, se inicia igualmente num estado de alienação. Na primeira cena, ele exprime esse vazio e essa esterilidade:

> Oh! Estarei ainda atado a essa cadeia?
> Esse rombo na parede, terrível e maldito,
> No qual mesmo a luz amorosa dos céus
> Perece de pronto por entre esses muros dissimulados!
> Aprisionada entre esse amontoado de livros
> Corroída pelos vermes, coberta de poeira...[10]

Hölderlin exprime a transição da criança para a idade adulta como a passagem dos céus para um terrível vazio:

> Benditos os sonhos dourados da infância, seu poder
> Oculto de mim pela cruel pobreza de minha vida;
> Fazei florescer todas as boas sementes do coração
> Ponde a meu alcance o que não posso alcançar!
> Em tua beleza e luz, ó Natureza,
> Livre de todo esforço e compulsão,
> O amor pleno de frutos alcança condição nobre,
> Rico como colheitas roubadas à Arcádia.
>
> A fonte de que nasci está morta e enterrada,
> Morto está o mundo da juventude, meu escudo,
> E esse peito, que um dia foi do céu a morada,
> Está morto e seco, como campo estéril.[11]

Não nos faltam expressões modernas do estado alienado. Na realidade, temo-las tantas, que bem poderíamos chamar o nosso sé-

8. Melville, H., *Moby Dick*, Nova York, Hendrick's House, p. 1.

9. Dante, *Divine Comedy*, tradução de Lawrence Grant White, Nova York, Pantheon.

10. Goethe, *Faust*, tradução de L. MacNeice, Londres, Oxford Press.

11. "To Nature", citado em Jung, C. G., *Symbols of Transformation*, C. W., Vol. 5, seguimento do parágrafo 624.

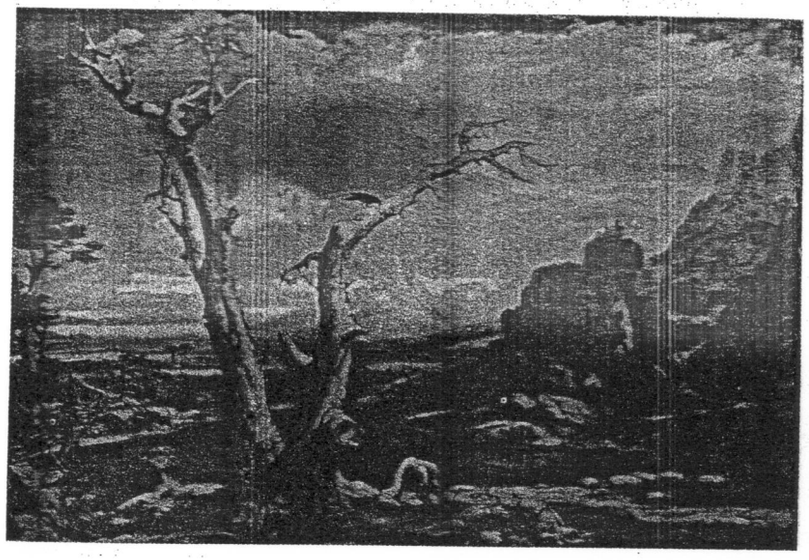


Ilustração 10. ELIAS SENDO ALIMENTADO PELOS CORVOS. Washington Allston. Detalhe.

Conta Tolstoi que, por volta dos cinqüenta anos, começou a experimentar momentos de perplexidade, que denomina apreensão, momentos em que parecia não saber "como viver" ou o que fazer. É evidente que esses momentos eram do tipo caracterizado pelo fato de a vivacidade e o interesse que nossas funções normalmente trazem terem cessado. A vida tinha sido encantadora, mas tornara-se algo sem sabor e, mais do que isso, morto. Coisas cujo significado sempre tinha sido evidente por si mesmo tinham-se tornado sem sentido. Perguntas como "Por quê?" e "E depois?" passaram a persegui-lo com freqüência cada vez maior. No início, parecia que essas perguntas deveriam ter uma resposta e que ele poderia facilmente encontrar-lhes a resposta se se dedicasse a procurar; mas, como fossem ficando cada vez mais prementes, percebeu ele que se encontrava num estágio semelhante ao daquele em que se manifestam os primeiros sinais de desconforto de um doente, sinais a que dá muito pouca atenção até que se transformam em sofrimento contínuo e

ele acaba por perceber que aquilo que considerava um problema passageiro significava a coisa mais importante do mundo para ele: sua morte. Essas questões – "Por quê?" "Qual a razão?" "Para quê?" – não encontravam respostas. "Senti", diz Tolstoi, "que algo se partira dentro de mim, algo em que minha vida sempre se apoiara, que não restava nada a que eu me pudesse apegar e que, do ponto de vista moral, minha vida tinha cessado. Uma força invencível me impelia a dar cabo da existência, de uma ou de outra forma. Não se pode dizer exatamente que eu *quisesse* cometer suicídio, pois a força que me impelia a deixar a vida era mais completa, mais poderosa, e mais geral que qualquer simples desejo. Era uma força semelhante à de minha antiga aspiração à vida, mas que me impelia na direção oposta. Era uma aspiração de todo o meu ser no sentido de deixar o mundo dos vivos.

"Imagine-me então, um homem feliz e que gozava de boa saúde, escondendo a corda para não me enforcar nas vigas do quarto onde me recolhia toda noite para dormir, sozinho; imagine-me deixando de praticar o tiro, com medo de ceder à fácil tentação de pôr fim a mim mesmo com minha arma.

"Eu não sabia o que queria. Estava com medo da vida, era impelido a deixá-la; e apesar disso, ainda alimentava a esperança de obter algo dela.

"Tudo isso aconteceu num momento em que, pelo que respeita às minhas circunstâncias externas, eu deveria me achar completamente feliz. Tinha uma boa esposa, que me amava e a quem eu amava; tinha bons filhos e uma grande propriedade que se valorizava sem muito esforço de minha parte. Era mais respeitado por parentes e conhecidos do que jamais fora; vivia recebendo honrarias dos estranhos; e, sem exagero, podia acreditar que o meu nome já alcançara fama. Ademais, não estava insano nem enfermo. Pelo contrário; estava com uma força física e mental que raramente havia encontrado em pessoas de minha idade. Podia trabalhar a terra tanto quanto os camponeses. Podia dedicar-me a trabalhos intelectuais durante oito horas a fio sem sentir efeitos negativos.

"E, no entanto, não podia atribuir qualquer sentido razoável às ações de minha vida. E estava surpreso por não ter compreendido isso desde o início. Meu estado de espírito me levava a sentir-me como se alguma peça malvada e estúpida me estivesse sendo pregada por alguém. Só nos é possível viver enquanto estamos inebriados, bêbedos de vida; mas quando ficamos sóbrios, não podemos deixar de ver que tudo não passa de um estúpido engano. O que há de mais verdadeiro na vida é não haver nela nada engraçado ou tolo; ela é cruel e estúpida, pura e simplesmente."

Ele se vê perplexo diante de questões para as quais não encontrava respostas:

"... Qual será o resultado daquilo que faço hoje? Ou: que farei amanhã? Qual será o resultado de toda a minha vida? Por que devo viver? Por que fazer alguma coisa? Haverá na vida algum propósito que a morte inevitável que me aguarda não desfaça e destrua?

"Essas são as questões mais simples do mundo. Da criança estúpida ao ancião mais sábio, elas se encontram respondidas no espírito de todo ser humano. Sem ter respostas para elas, é impossível, como o revela minha experiência, que a vida siga seu curso."[15]

Eis um bom exemplo de ataque agudo de alienação. As de Tolstoi são as mesmas questões encontradas na base de toda neurose que se desenvolve nos anos da maturidade. É por isso que Jung pode dizer que nunca viu um paciente com mais de trinta e cinco anos que tivesse obtido a cura sem formar uma atitude religiosa com relação à vida.[16] Uma atitude religiosa, em termos psicológicos, tem como base uma experiência do *numinosum*, isto é, do Si-mesmo. Mas é impossível para o ego a experiência do Si-mesmo como algo distinto, já que o ego está inconscientemente identificado com o Si-mesmo. Isso explica a necessidade da experiência da alienação como prelúdio da experiência religiosa. Em primeiro lugar, o ego deve perder sua identificação com o Si-mesmo, para então encontrar o Si-mesmo como "o outro". Enquanto estiver identificado inconscientemente com Deus, o indivíduo não pode experimentar Sua existência. Mas o

15. James, William, *Varieties of Religious Experience*, Nova York, Random House, Modern Library, pp. 150 ss.

16. Jung, C. G., *Psychology and Religion: West and East*, C. W., Vol. 11, par. 509. O trecho completo é o seguinte: "Entre meus pacientes da segunda metade da vida – isto é, com mais de trinta e cinco anos de idade – não houve um sequer cujo problema, em última análise, não fosse o de encontrar uma perspectiva de vida de caráter religioso. É seguro afirmar que cada um deles adoeceu porque perdeu o que as religiões vivas de todas as épocas têm dado aos seus seguidores e não houve nenhum deles que realmente se tivesse curado sem ter recuperado essa perspectiva de caráter religioso. Isso, com efeito, não tinha nenhuma relação com um credo particular ou com o fato de ser membro de alguma igreja específica."

processo de separação entre o ego e o Si-mesmo causa alienação, pois a perda da identidade ego–Si-mesmo envolve igualmente a danificação do eixo ego–Si-mesmo. Surge daí a típica "noite escura do espírito" que precede a experiência numinosa.

Outro exemplo é a descrição feita por John Bunyan do seu estado alienado, conforme James relata:

"Mas minha impureza original e interna constituía minha praga e minha aflição. Por isso, eu era mais repugnante que um sapo; e eu pensava que era assim também aos olhos de Deus. O pecado e a corrupção, dizia eu, brotariam do meu peito tão naturalmente como a água de uma fonte. Eu teria trocado meu coração pelo de qualquer pessoa. Eu pensava que ninguém senão o próprio Demônio seria igual a mim em torpeza e impureza de espírito. Certamente, pensava eu, Deus esqueceu-se de mim. E assim continuei por longo tempo, mesmo alguns anos a fio.

"E agora eu lamentava que Deus me tivesse feito homem. Os animais, os pássaros, etc., eu bendizia-lhes a sorte, pois não tinham natureza pecaminosa; não estavam sujeitos à ira divina; não iriam para o fogo do inferno depois que morressem. Conseqüentemente, eu me poderia regozijar caso minha condição fosse a de que qualquer deles. E eu bendizia a condição do cão e do sapo, sim, como eu seria feliz se fosse um cão ou um cavalo, pois sabia que eles não tinham uma alma para perecer sob o peso eterno do Inferno ou do Pecado, algo que provavelmente iria acontecer à minha alma. E havia mais: embora eu pensasse assim, me sentisse assim e estivesse arrasado com isso, o que mais aumentava minha angústia era não encontrar, em nenhum lugar da minha alma, um sinal de que desejasse verdadeiramente a absolvição divina. Às vezes, meu coração podia ser extraordinariamente duro. Nem que me tivessem sido pagas mil libras por uma lágrima, eu não poderia verter uma única, não, e por vezes nem desejava fazê-lo.

"Eu era um fardo e um terror para mim mesmo; e em nenhum momento sabia, como sei agora, que iria ficar cansado da vida e, ao mesmo tempo, com medo de morrer. Como eu teria ficado feliz se fosse qualquer outro que não eu! Tudo menos um homem! e em qualquer condição, menos na minha."[17]

17. James, *Varieties of Religious Experience*, p. 155.

Ilustração II. SANTO ANTÃO E SÃO PAULO, O EREMITA, SENDO ALIMENTADOS POR UM CORVO. Dürer.

O estado de espírito de Bunyan tem um claro caráter patológico. Os mesmos sentimentos de culpa e impossibilidade de redenção são expressos na melancolia psicótica. Seu sentimento de ser o homem mais culpado da terra é uma inflação negativa. Todavia, é igualmente alienação. A inveja que Bunyan tem dos animais é algo que se manifesta com grande freqüência nos relatos da condição alienada que precede a experiência religiosa. Essa inveja dos animais fornece um indício a respeito do modo como o estado de alienação deve ser curado: através do contato renovado com a vida instintiva natural.

Embora a alienação seja uma experiência arquetípica e, portanto, uma experiência humana geral, as formas exageradas dessa experiência, tais como a de Bunyan, normalmente se encontram em pessoas com um certo tipo de infância traumática. Nos casos em que a criança experimenta um grau sério de rejeição por parte dos pais, o eixo ego–Si-mesmo é danificado e a criança fica predisposta, na idade madura, a estados de alienação que podem alcançar dimensões insuportáveis. Essa linha de acontecimentos decorre de a criança experimentar a rejeição parental como uma rejeição por parte de Deus. Essa experiência é incorporada à psique como alienação permanente entre o ego e o Si-mesmo.

No contexto da psicologia cristã, a experiência de alienação é entendida, de modo geral, como uma punição divina de pecados. A doutrina do pecado de Santo Anselmo vem aqui a propósito. Segundo ele, o pecado constitui uma apropriação indébita das prerrogativas de Deus e, em conseqüência, desonra a Deus. Essa desonra exige reparação. Escreve ele:

> Todo desejo da criatura racional deve sujeitar-se à vontade de Deus ... esta é a única e completa dívida de honra que temos para com Deus e que Deus exige de nós ... Aquele que não honra essa dívida que tem para com Deus, priva-O do que Lhe é próprio e O desonra; e isso é pecado. Ademais, quando o indivíduo não restitui aquilo de que se apossou indevidamente, permanece em falta; e então já não será suficiente devolver o que tomou, mas, considerando-se o conteúdo daquilo que oferece, terá de devolver mais do que tomou. Pois aquele que põe em risco a segurança de outro não o repara suficientemente mediante a mera restauração da segurança que ameaçou, sem que ofereça alguma compensação pela angústia que causou; assim é que aquele que viola a honra

de outro não a repara simplesmente pelo retorno ao respeito à honra do outro, mas deve, de acordo com o grau da injúria feita, compensar, de alguma forma satisfatória, a pessoa a quem desonrou. Deve também observar que, quando alguém paga algo que tomou de forma injusta, deve dar algo que não lhe seria exigido caso não tivesse roubado o que pertencia a outrem. Assim sendo, todo aquele que comete pecado deve pagar a honra que roubou de Deus; esta é a satisfação que todo pecador deve a Deus.[18]

O pecado é a presunção inflada do ego, que assume as funções do Si-mesmo. Esse crime requer punição (alienação) e restituição (remorso, arrependimento). Mas, de acordo com Santo Anselmo, a satisfação plena dessa condição requer o retorno de mais do que foi originalmente tomado. Isto é impossível, já que o homem deve a Deus obediência total, mesmo sem cometer pecados. Ele não dispõe de outros recursos para pagar sua falta. Por essa razão, deve usar a graça propiciada pelo sacrifício do Deus feito homem, Jesus Cristo. Na seqüência pecado-arrependimento, o próprio Deus paga a dívida através de um influxo de graça. Isso corresponde à declaração de São Paulo: "Mas onde o pecado se multiplicou, a graça o ultrapassa imensuravelmente; desta forma, assim como o pecado estabeleceu seu reino através da morte, a graça de Deus estabelece seu reino pela retidão e se manifesta na vida eterna através de Jesus Cristo, Nosso Senhor". (Romanos 5:20,21) A pergunta de São Paulo, "Deveremos então persistir no pecado, para que haja ainda mais graça?", é respondida, na realidade, negativamente. Não obstante, a questão alude ao fato desconfortável de que a graça está, de alguma forma, vinculada ao pecado.

Compreendidas em termos psicológicos, essas doutrinas teológicas se referem à relação entre o ego e o Si-mesmo. A inflação (o pecado) deve ser evitada sempre que for possível. Quando ela ocorre, o ego pode ser redimido, tão-somente, através da restituição, ao Si-mesmo, de sua honra perdida (arrependimento, contrição) (*Ilustração 12*). Isso, porém, não basta para a plena satisfação. A graça

18. Santo Anselmo, *Cur Deus Homo*, Capítulo XI, in *Basic Writings*, La Salle, Illinois, Open Court Publishing Co., 1962, pp. 202 s.

Ilustração 12. A PENITÊNCIA DE DAVI. Davi, admoestado pelo profeta Natã, arrepende-se de ter violado Betsabé. À direita, há uma personificação do arrependimento (*metanoia*). Iluminura de um manuscrito bizantino.

decorrente do auto-sacrifício do Si-mesmo deve completar o pagamento. Há até mesmo um indício de que o pecado e a pena subseqüente imposta ao ego por causa do pecado são necessários para gerar o fluxo de energia curativa (a graça divina) proveniente do Si-mesmo. Isso corresponderia ao fato de o ego não poder experimentar o apoio do Si-mesmo enquanto não tiver ficado livre de sua identificação com o Si-mesmo. O ego não pode ser um vaso para receber o influxo da graça enquanto não tiver esvaziado seu próprio

conteúdo inflado. E esse esvaziamento só ocorre através da experiência de alienação.

Martinho Lutero exprime essa mesma idéia:

> Deus opera por meio de opostos, de modo que um homem se sente perdido precisamente no momento em que está prestes a alcançar a salvação. Quando Deus está prestes a perdoar um homem, amaldiçoa-o. Aquele a quem Deus quer tornar vivo primeiro deve morrer. O favor de Deus é de tal forma comunicado através da ira que a graça parece mais distante precisamente quando está à mão. É preciso que antes o homem se lamente, dizendo que não há cura para si. É preciso que o homem se veja consumido pelo horror. Esse é o sofrimento do purgatório... Em meio a esses distúrbios, a salvação tem início. Quando um homem sente que está profundamente perdido, surge a luz.[19]

4. A RECONSTRUÇÃO DO EIXO EGO–SI-MESMO

Há um quadro clínico típico, muito comum na prática psicoterapêutica, que pode ser denominado neurose da alienação. Um indivíduo portador dessa neurose tem muitas dúvidas com relação ao seu direito de existir. Apresenta-se com um profundo sentimento de falta de valor, com todos os sintomas daquilo que costumamos designar por complexo de inferioridade. O indivíduo supõe, inconsciente e automaticamente, que tudo que vem dele mesmo – seus desejos, necessidades e interesses mais profundos – deve estar errado ou, de alguma forma, deve ser inaceitável. Diante dessa atitude, a energia psíquica é represada e deverá emergir sob formas encobertas, inconscientes ou destrutivas, tais como sintomas psicossomáticos, ataques de ansiedade ou de afeto primitivo, depressão, impulsos suicidas, alcoolismo, etc. Fundamentalmente, um paciente desses enfrenta o problema de saber se é ou não perdoado diante de Deus. Temos aqui a base psicológica da questão teológica do perdão: a fé ou as obras nos asseguram o perdão? – algo que torna ínfima a diferença entre os pontos de vista introvertido e extrovertido. A pessoa alienada sente-se profundamente não perdoada e dificilmente tem condições de agir em favor do seu melhor interesse. Ao mesmo tempo, ela perde a sensação de significado. A vida torna-se vazia de conteúdo psíquico.

Para haver a ruptura do estado alienado, é necessário restabelecer algum contato entre o ego e o Si-mesmo. Se isso for possível, um mundo completamente novo vai se abrir para a pessoa. Apresento a seguir uma descrição de uma experiência desse tipo, retirada de um caso narrado pelo Dr. Rollo May. A paciente era uma mulher de vinte e oito anos, filha ilegítima, que havia sofrido severamente com o que eu denominaria neurose da alienação. Ela conta suas experiências nas seguintes palavras:

> Lembro-me de que estava caminhando, naquele dia, pelas passagens elevadas de uma área de favela, sentindo o peso do pensamento "Sou uma filha ilegítima".
> Recordo-me do suor gotejando enquanto sentia a angústia envolvida na tentativa de aceitar esse fato. E então entendi o que deveria ser, para outros, aceitar este outro fato. "Sou um Negro em meio a brancos privilegiados", ou "Sou um cego em meio a pessoas que vêem". Mais tarde, à noite, levantei-me e a coisa me ocorreu da seguinte forma: "Aceito o fato de ser filha ilegítima", *mas* "Já não sou criança". Logo, "Sou ilegítima". Mas ainda não é isso: "Nasci ilegítima (mente)". E o que sobra então? O que sobra é "Eu sou". Esse ato de contato e de aceitação com relação ao "Eu sou", uma vez acontecido, deu-me (o que sinto ter sido pela primeira vez) a experiência: "Já que eu sou, tenho o direito de ser".
> Com que se parece essa experiência? Trata-se de um sentimento essencial – que se assemelha ao recebimento da escritura da casa própria. É a experiência do próprio nascer, que não traz consigo o interesse de saber se a vida vai ser de um íon ou de uma simples onda. Parece com o dia em que eu, bem criancinha, alcancei o miolo de um pêssego e quebrei-lhe o caroço, sem saber o que iria encontrar; depois, senti-me como se presenciasse algo maravilhoso ao descobrir a semente interna, boa de comer, com sua doçura áspera... É como um barco parado no porto ao qual é dada uma âncora para que ele, feito de coisas da terra, possa re-

19. Bainton, Roland, *Here I Stand*, Nova York, Abingdon-Cokesbury, 1950, pp. 82 s.

cuperar o contato com a terra, com o solo de onde sua madeira cresceu; ele pode levantar âncoras para navegar, mas sempre pode, algumas vezes, lançar as âncoras para defender-se da tempestade ou para descansar um pouco...
É como se eu tivesse ido para o meu próprio Jardim do Éden, onde estou além do bem e do mal e de todos os demais conceitos humanos... É como o globo terrestre antes de as montanhas, oceanos e continentes serem desenhados no seu interior. É como uma criança que estuda gramática ao encontrar o *sujeito* de uma oração – sendo o sujeito, nesse caso, nossa própria vida. É deixar de ser uma teoria com relação ao próprio eu...[20]

May chama isso de experiência do "Eu sou", o que certamente a descreve bem. Podemos entendê-la, igualmente, como a reconstituição do eixo ego–Si-mesmo que deveria ter acontecido no contexto de uma forte transferência.

O sonho apresentado a seguir também ilustra o início da reparação de um eixo ego–Si-mesmo danificado. A paciente, uma jovem, sonhou:

Fui banida para as vastidões frias e vazias da Sibéria e estou caminhando sem destino. Então aparece um grupo de soldados a cavalo. Eles me atiram ao chão e começam a me violentar, um por um. Isso acontece quatro vezes. Sinto-me despedaçada e paralisada de frio. Então se aproxima o quinto soldado. Espero receber dele o mesmo tratamento mas, para minha surpresa, vejo em seus olhos compaixão e compreensão humana. Ao invés de me violentar, ele me envolve gentilmente com um cobertor e me leva para uma cabana próxima. Nela, sou colocada perto do fogo e alimentada com sopa quente. Sei que esse homem vai me curar.

Esse sonho ocorreu no início da transferência. A paciente sofrera, quando criança, de um severo grau de rejeição por parte dos pais. Seu pai, em especial, a havia ignorado completamente após divorciar-se da mãe. Esse foi um golpe terrível para sua auto-estima e

20. *Existence*, May, R., Engel, E., Ellenberger, W. F., (Orgs.), Nova York, Basic Books, 1950, p. 43.

a deixou alienada dos valores veiculados pelo pai e, em última análise, de uma porção do Si-mesmo. O sonho descreve vivamente seu sentimento de alienação ou de banimento, assim como sua experiência recém-iniciada de restauração: o eixo ego–Si-mesmo começava a ser reparado. Isso acontece com a consciência emergente de fortes sentimentos de transferência. Essas experiências são, com efeito, encontradas regularmente em psicoterapia e são tratadas de forma mais ou menos bem-sucedida através de bons sentimentos humanos e de teorias estabelecidas referentes a transferência. Todavia, acredito que a percepção de que um profundo processo nuclear – que envolve a reparação do eixo ego–Si-mesmo – está em andamento e dá uma outra dimensão à compreensão do fenômeno da transferência. Ademais, nesse caso tornamo-nos capazes de compreender a experiência terapêutica no contexto mais amplo da necessidade humana universal de manter uma relação com a fonte transpessoal do ser.

Outro exemplo do efeito curativo devido ao restabelecimento da conexão entre o ego e o Si-mesmo está num notável sonho que me chegou ao conhecimento. O homem que o sonhou tinha passado por graves privações emocionais na infância. Também era filho ilegítimo, criado por pais adotivos, quase psicóticos, que praticamente não lhe proporcionaram nenhuma experiência parental positiva. Como resultado, ele ficou com um agudo sentimento de alienação na idade adulta. Embora bastante talentoso, viu severamente bloqueados seus esforços no sentido de realizar suas potencialidades. Teve esse sonho na noite imediatamente seguinte ao dia da morte de Jung (6 de junho de 1961). Menciono esse detalhe porque o paciente foi muito afetado pela morte de Jung e porque, de certo modo, o sonho condensa um aspecto da abordagem junguiana da psique. Eis o sonho:

Somos quatro a chegar a um planeta estranho. Parecemos formar uma quaternidade, no sentido de que cada um de nós representa um aspecto diferente do ser – como se fôssemos representantes dos quatro pontos cardeais ou das quatro diferentes raças humanas. Ao chegar, descobrimos uma contraparte do nosso grupo de quatro no planeta – um segundo grupo de quatro. Este último grupo não fala nossa língua; na verdade, cada um deles fala uma língua diferente. A primeira coisa que tentamos é chegar a alguma língua comum. (Esse problema ocupa boa parte do sonho, mas vou omitir essa parte. E. E.)

Há nesse planeta uma superordem que se aplica a todos os habitantes. Ela não é aplicada por uma pessoa ou por um governo, mas por uma autoridade benigna que julgamos ser a natureza. Nada há que ameace a individualidade na capacidade de essa autoridade exercer controle sobre todos.

Então sou atraído para algo que acontece numa câmara de emergência. Um dos quatro do planeta sofreu um ataque. Parece que sua excitação com nossa chegada levou seu coração a bater em ritmo muito acelerado. E é da natureza da superordem intervir quando coisas desse tipo acontecem. O homem fica num estado semicomatoso, durante o qual ele é ligado ao coração-principal, que absorverá essa "sobrecarga" até restabelecer-lhe o equilíbrio.

Começo a me perguntar se nós quatro teremos permissão para ficar. Então recebemos a informação de que nos seria permitido ficar desde que fôssemos colocados em sintonia para que a "Fonte Central da Lei Energética" tenha condições de medir e detectar quando entramos naquilo que o planeta denomina "perigo" e que na terra se chama "pecado". No momento em que entrarmos em perigo, a superordem vai "assumir o comando" até que a condição seja corrigida. Há perigo sempre que se realiza um ato com o objetivo de obter satisfação imediata do ego ou de qualquer parte consciente da personalidade, sem referência às raízes arquetípicas do próprio ato – isto é, sem relacionar esse ato com sua origem arquetípica e com o aspecto ritualístico envolvido no primeiro ato básico.

O elemento central desse sonho tão impressionante é a "superordem" e a "fonte central de lei energética" que existe no outro planeta (o inconsciente). Essa notável imagem é uma expressão simbólica do processo transpessoal de regulação da psique e corresponde ao nosso conceito de função compensatória do inconsciente. O sonho afirma que há perigo "sempre que se realizar um ato com o objetivo de obter satisfação imediata do ego... sem referência às raízes arquetípicas do próprio ato". Trata-se de uma descrição exata da inflação, na qual o ego opera sem referência às categorias suprapessoais da existência. Além disso, o sonho equipara essa condição ao pecado – um equivalente preciso da visão agostiniana citada anteriormente (p. 61)

O sonho nos diz que a "superordem" entra em ação, para remover a "sobrecarga", logo que o ego fique inflado – protegendo-o, assim, dos perigos da alienação subseqüente. Esse mecanismo de

proteção ou de compensação constitui um claro paralelo do princípio da homeostase, descoberto por Walter Cannon no campo da fisiologia.[21] De acordo com esse conceito, o corpo dispõe de um processo próprio de homeostase ou auto-regulação que não permite que os constituintes corporais básicos se afastem muito de um adequado ponto de equilíbrio. Por exemplo, se ingerirmos muito cloreto de sódio, os rins aumentam a concentração de cloreto de sódio na urina. Ou, se se acumular uma grande quantidade de dióxido de carbono no sangue, então alguns centros nervosos do cérebro aumentam o ritmo respiratório para expulsar o excesso de dióxido de carbono. O mesmo processo auto-regulador, homeostático, opera na psique, servindo para garantir que ela esteja livre para agir naturalmente e não seja danificada. Assim como o corpo, a psique inconsciente também dispõe de uma sabedoria instintiva que pode corrigir erros e excessos da consciência se estivermos receptivos às suas mensagens. Essa função corretiva tem como origem o Si-mesmo e requer uma conexão viva e saudável entre o Si-mesmo e o ego para operar livremente.

Mesmo para o homem "normal" a alienação constitui uma experiência necessária para que o desenvolvimento psicológico tenha continuidade, pois a identidade ego–Si-mesmo é tão universal quanto o pecado original. Na realidade, são idênticos. Carlyle o disse de forma brilhante. Ele afirma que a felicidade é inversamente proporcional ao grau de nossas expectativas, isto é, àquilo que pensamos merecer. A felicidade é igual àquilo de que dispomos dividido por aquilo que esperamos obter. Ele escreve:

> Por meio de certas avaliações e medidas, estabelecidas por nós mesmos, chegamos a alguma espécie de quinhão terrestre médio; que esse quinhão nos pertence por direito incontestável e pela própria natureza. Esse quinhão é um simples pagamento de salários, pelos nossos méritos; não requer elogios nem queixas. Apenas os superávits eventuais são considerados por nós como Felicidade; qualquer déficit é considerado Miséria. Mas considerando que nós mesmos fazemos a avaliação dos nossos méritos e que há em cada um de nós um fundo de pretensão, será, acaso, de admirar que a balança penda com freqüência para o lado

21. Cannon, W. B., *The Wisdom of the Body*, Nova York, 1932.

errado?... Digo-te, Cabeça-Dura, que tudo isso vem da tua Vaidade; das *fantasias* com que consideras quais sejam teus méritos. Imagina que mereces ser enforcado (o que é bem provável), e ficarás feliz por ser apenas fuzilado...

... a Fração da Vida pode ter seu valor aumentado não tanto pelo aumento do Numerador como pela redução do Denominador. Ademais, a não ser que minha Álgebra me engane, a *Unidade* dividida por *Zero* dará como resultado o *Infinito*. Faze tua reivindicação de salários igual a zero e terás o mundo aos teus pés. Bem disse o Mais Sábio de nossa época ao escrever: "Apenas com a Renúncia (*Entsagen*) é possível considerar a Vida propriamente dita iniciada".[22]

22. Carlyle, Thomas, *Sartor Resartus*, Everyman's Library, Londres, Dent and Sons, 1948, p. 144.